


||||| ||| ||| |||  
julliano mendes

Ouro  
Preto  
Editora

os de  
chupar  
kespe



**DELÍRIOS DE WILL  
OU COMO CHUPAR  
OS OSSOS DE  
SHAKESPEARE**

Juliano Mendes

**Delírios de Will  
ou como chupar os ossos  
de Shakespeare)**

## Título original

Delírios de Will ou como chupar os ossos de Shakespeare, de Julliano  
Mendes

1. Literatura dramática
2. Dramaturgia brasileira
3. Teatro brasileiro

Julliano Mendes  
[www.jullianomendes.com](http://www.jullianomendes.com) (Julliano com dois L's)  
[gruporesidencia@gmail.com](mailto:gruporesidencia@gmail.com)

## Sumário

Como chupar os ossos de Shakespeare .....	6
DELÍRIOS DE WILL OU COMO CHUPAR OS OSSOS DE SHAKESPEARE .....	11
1º ATO .....	12
CENA 1. O SOPRO DO BOBO DEUS .....	12
CENA 2. A MONTAGEM DO REINO ABSTRATO .....	15
CENA 3. DESEJO DE REI .....	17
CENA 4. SOLILÓQUIO DE WILL .....	21
CENA 5. OS RANCORES DO REI E DA RAINHA COM NOME DE FLOR .....	22
CENA 6. PREPARATIVOS PARA O CASAMENTO. ....	26
CENA 7. A RAINHA E A FUTURA RAINHA .....	30
CENA 8. PRIMEIRA INSERÇÃO DO REINO DO LIXO .....	34
2º ATO .....	36
CENA 9. SOB TRAMA E CAMA .....	36
CENA 10. SOLILÓQUIO DE HAMLET .....	42
CENA 11. O DESAPARECIMENTO DO REI .....	44
CENA 12. SURGE JUJU .....	48
CENA 13. A DANÇA .....	52
CENA 14. O QUE FALTA NO REINO DO LIXO? .....	56
3º ATO .....	60
CENA 15. UM NOVO VELHO REI .....	60

CENA 16. EU QUERIA SER TU .....	67
CENA 17. ROMPIMENTO .....	70
CENA 18. O REINO DO LIXO ESTÁ COMPLETO.....	75
4º ATO .....	77
CENA 19. SONHO DE MACTHELO .....	77
CENA 20. A DECISÃO DE OPHÉLIA .....	85
CENA 21. A MORTE DE MACTHELO .....	87
CENA 22. BRINDE.....	95
CENA 23. O PRIMEIRO FANTASMA.....	98
CENA 24. DESAFIO .....	100
CENA 25. A MORTE DE OPHÉLIA.....	103
CENA 26. SEGUNDO SOLILÓQUIO DE WILL .....	107
5º ATO .....	108
CENA 27. O SEGUNDO FANTASMA.....	108
CENA 28. CARNIFICINA .....	120
CENA 29. DESPEDIDA DE WILL.....	123
DRAMATURGIA DE JULIANO MENDES.....	126

## Como chupar os ossos de Shakespeare.

Se, para Oswald de Andrade, era preciso comer a cultura alheia, regurgitando-a, pra mim, comer já não é suficiente. É necessário comer e chupar os ossos. *Tupi and not tupi*.

Quando recebi, de Iza Lanza, o convite para escrever o texto de sua montagem de TCC no departamento de artes cênicas da Universidade Federal de Ouro Preto, ela me disse que trabalhava em processo sobre a obra canônica de William Shakespeare. Os atores Airá Fuentes, Haylla Rissi, Lenine Guevara, Marcelo Zopelari, Paulo Maffei, Ramon Gustaff e Renato Ribeiro trabalharam, em laboratório de cena e oficinas de investigação, personagens de diferentes obras do bardo inglês. Foi o resultado desta investigação que recebi como primeiro material de trabalho, além das referências que achasse pertinente acrescentar às relações já estabelecidas.

Como chupar os ossos de alguém já tão degustado pela cultura? E como coadunar esse banquete ao material maravilhosamente difuso criado pela diretora e pelos atores? Decidi construir uma história nova, readequando referências e personagens a situações inéditas. Frank Kermode, em “A linguagem de Shakespeare”, bibliografia básica pra quem deseja se aprofundar na obra do dramaturgo, se ressentido de poucas vezes analisarem o bardo como um poeta, sublimando sua linguagem literária ao evento teatral. Por isso, por influência imediata dessa leitura, decidi compor um texto que propusesse certa erudição, escrevendo-o em verso e prosa, rebuscando réplicas e relações.

Minhas primeiras propostas eram um material experimental que refutava a ideia que a dramaturgia em processo é uma forma de organização dos materiais surgidos durante a pesquisa e que cabe ao dramaturgo encontrar um veio narrativo unificador.

Apresentei quatro textos curtos que deveriam ser estudados e depois abandonados: Delírios de Will - Uma sombra vestida de som. Delírios de Will - Sobre a montanha mais alta um pulo no mar. Delírios de Will - Sobre a carne pútrida de seus desejos. Delírios de Will - Uma espécie de arca de Noé. Perdi, infelizmente, o registro deles. Ou felizmente, porque acabou ilustrando seu caráter fugidio.

Entre dezembro de 2008 e fevereiro de 2009, durante o recesso escolar da UFOP, comecei a tecer – e a ideia de tecitura é a que melhor ilustra meu processo – o texto da montagem. O que estava sendo construído com um processo participativo e integrado, virou dramaturgia de gabinete. Três meses para apresentar à equipe o texto da montagem. Shakespeare virou personagem, o bobo da corte, Will, e a partir dele eu construí uma narrativa intrincada, de histórias paralelas, em que nem era possível isolar uma personagem como principal, ou como se a própria sina de Will fosse subliminar àquelas trajetórias que se impunham com independência.

A montagem estreou em 30 de maio de 2009, numa tarde ensolarada ouro-pretana, no largo ao lado da Igreja do Pilar, radicalizando, pela beleza, o que naquela cidade já é teatral e cenográfico. A dramaturgia não passou incólume pela cidade: uma das personagens, Sinhá Margareth, misturou traços da Rainha Margaret, que, banida do reino, amaldiçoa Ricardo III, com referências diretas à Sinhá Olímpia, notória moradora de Ouro Preto que andava pelas ruas contando histórias, falecida em 1976.

Quando, em meados de 2012, apresentei o texto para apreciação de Bárbara Heliodora, ela me disse que faltava foco ao enredo. Que qualquer peça de teatro é importante que você seja capaz de resumi-la em cinco linhas. E que, meus “Delírios” não permitiam tal síntese, devido ao emaranhado de conflitos. O que,

para a maior especialista brasileira em Shakespeare foi uma res-salva, uma crítica ao texto, para mim foi a constatação de que eu realizara o que me propusera. Porque, como dramaturgo em processo, acho importante oferecer para todos os atores envolvidos desafios semelhantes, criando uma obra que possa coloca-los, todos, em prontidão. E, também, porque o cruzamento é uma variável que se repete em diversos textos meus. Se “Delírios de Will” não representa o que chamo de *Dramaturgia Cruzada*, pesquisa presente em outros textos como “O Queijo” ou “Uma Novela Masculina”, há uma sobreposição de cenas e conflitos que conferem ao texto uma dinâmica de cruzamentos, interposição e rupturas.

Não foram raras as alusões ao texto como “dramaturgia rebuscada”, “complexa trama”, “extenso e polissêmico”, “texto erudito, não coloquial”, só pra citar alguns exemplos extraídos do livro “Cadernos cênicos musicais”, em que o Mambembe, projeto interdisciplinar criado dentro do departamento de artes cênicas da UFOP, apresentou artigos de diversos pesquisadores sobre a montagem. A encenação, no entanto, não se prendeu às dificuldades elencadas pelo material que eu elaborara, pelo contrário, construiu um espetáculo vibrante e presente, uma peça de rua com cenas que existiam quase independentemente, funcionando tanto para o espectador que acompanhava as duas horas de encenação, quanto para espectadores sazonais, trazidos pelo fluxo natural da rua. Durante o processo de montagem eu mesmo contribuí para reduzir o material textual a pouco mais da metade do texto original, até o momento em que, cumprindo uma agenda de mais de vinte apresentações, na maioria em bairros e periferias de Ouro Preto, atingiu uma hora de duração. Digo isso porque, como autor, tenho a plena consciência que este texto é um material de processo, ou para um processo. Não me oponho a cortes, recomposições, releituras. Não me sinto menos autor se minhas peças forem reescritas pela cena. A cena sempre reescreve o texto.

Pra concluir, desejo que não se perceba os “Delírios de Will (ou como chupar os ossos de Shakespeare)” como profanação de sua obra canônica, mas que também não se receba como homenagem, ele não precisa disto. É um diálogo, um diálogo irresponsável e singelo, um brinde à criação como liberdade e ímpeto, vontade. Se há alguma profanação aqui (e pode ser que haja), ela não atinge em nada aquele poeta máximo. É o contrário. Ele que me atinge, me desorienta. Aceita um pedaço deste osso inglês?

Julliano Mendes \*

### **Ficha técnica da primeira montagem:**

**Direção:** Iza Lanza

**Orientação de TCC:** Maria Odette Monteiro Teixeira

**Dramaturgia:** Julliano Mendes

**Direção musical:** Fabrício Malaquias

**Elenco:** Airá Fuentes, Haylla Rissi, Hideo Kushiya, Lenine Guevara, Marcelo Zopelari, Paulo Maffei, Ramon Gustaff, Renato Ribeiro

**Músicos:** Eric Moreira, Rodrigo Enoque, Rômulo Zadra e Sebastião Nolasco

**Cenário:** Iza Lanza e Renato Ribeiro

**Figurino:** Antônio Apolinário e Maria Odette Monteiro Teixeira

**Preparação vocal:** Letícia Afonso

**Produção:** Luciana Pereira, Mariella Siqueira, Thaiz Cantasini e Laís Garcia



*\* Julliano Mendes é ator, diretor e dramaturgo. Vocalista do Galanga, banda mineira de rock afrogressivo. É mestre em Estudos da Linguagem pelo departamento de letras da Universidade Federal de Ouro Preto, onde defendeu a dissertação “Do íntimo ao público: adaptação de textos não dramáticos para o teatro”. Fundou, em 2001, o Grupo Residência Teatro e Audiovisual, produzindo oito espetáculos. Em 2020 lançou o romance Um Circo, pela Editora Ouro Preto. Sua produção literária pode ser conferida no site [www.jullianomendes.com](http://www.jullianomendes.com). Atente-se que Julliano é com dois L’s.*

# DELÍRIOS DE WILL OU COMO CHUPAR OS OSSOS DE SHAKESPEARE

## PERSONAGENS

1. REI
2. RAINHA COM NOME DE FLOR
3. WILL
4. HAMLET
5. OPHÉLIA
6. MACTHELO
7. AMA QUE AMA
8. SINHÁ MARGARETH
9. COROS, SÉQUITOS

**CENÁRIO:** Diversos ambientes de um reino qualquer e ambientes de um reino do lixo.

## 1º ATO

### CENA 1. O SOPRO DO BOBO DEUS

*Como um trem, avista-se, ao longe, o coro dos atores, repetindo movimentos de um relógio que tivesse parado (ou de pessoas que tivessem morrido, ou que continuarão morrendo incessantemente). O coro vem se aproximando, como num cortejo. Percebe-se, então, que quem conduz este coro, ou trem, é um bobo: Will, que dança livre, como se estivesse indicando que é o único em que pulsa vida. Ouve-se um grande badalar ou um grito, indicando que este nosso trem chegou à estação.*

#### **WILL**

Salvem-vos, senhores, os deuses todos  
e às senhoras, perdão, por vossos pesares.  
Pois, pra quê vivemos nós, senão pra em ares  
bons viver? Sem angústias, desgostos, engodos,  
miséria, pilhéria, reminiscências torpes e vãs.  
O homem é feito pra fruir o excesso  
ser feliz no que sobra e, humilde confesso,  
- eu, este bobo formado em camadas pagãs  
e memórias sagradas, que faz rir, mas que no íntimo  
também muito se fende em tristeza grande  
(mas que como um forno esta tristeza expande  
e a converte em energia, em força, em ritmo  
de alegria, de entorpecimento alheio, malícia)  
eu, o mais bobo dos bobos, de tão bobo, brusco,  
e que sei que no cume de meu excesso ofusco  
grandes homens astutos com minha estultícia.  
Eu, enfim, gigante e mínimo e muito, confesso  
uma pequena vaidade máxima, quiçá, um pecado  
de quem, como todos, concebido em pecado

sonhasse deste pecado inicial ser supresso  
e acordasse no auge dos prazeres meus  
envolto em aura mística, em tom solene  
pairando sobre tudo e todos e perene  
este Bobo bobo convertido em Deus.

*O trem dá seu primeiro apito e é como se a terra se revirasse em  
êxtase: de suas entranhas pulsa a música!*

### **CORO**

Somos feitos de pedra secular  
ou de espada enfiada em pedra.  
Que tudo que não pulsa se medra  
pelo tempo mais lento a passar.

Passa tempo,  
parece que não,  
mas tudo muda  
sua condição.

O que é já já  
deixa de ser.  
Qual a diferença  
entre nascer e morrer?

*O trem dá seu segundo apito e é como se estivesse eternamente pa-  
rado.*

### **WILL**

Assim começamos a moldar nossa escultura:  
Com um bobo que alheio a sua pouca altura  
(este misto de palhaço e misantropo)  
presenteia a todos com um simples sopro  
e, multiplicando por mil os devaneios seus

nosso Bobo bobo brinca de ser Deus!

*Will dá um potente sopro sobre os meio-personagens, que lentamente vão abandoando suas formas incompletas e convertendo-se em personagens. Todos escancaram a enorme alegria de estarem vivos e dançam como se estivessem homenageando um rei: é o rei da vida, que nos abastece de seiva e sangue.*

## CENA 2. A MONTAGEM DO REINO ABSTRATO

*A dança é, em certo momento, quase selvagem, até que nosso Rei, no auge de sua euforia, grita:*

### **REI**

Eis o coro de homens, eis o mar de homens,  
naveguemos firmes por terras estrangeiras.  
Depois, aportemos, como se chegássemos a nós mesmos  
e descobrissemos-nos outros!  
Meu cavalo por um reino!

*No mesmo clima efusivo, os atores montam, com os elementos cenográficos que formavam o provável trem, nosso reino abstrato, tendo o Rei por centro absoluto. Rainha Com Nome de Flor pousa delicadamente, quase com nojo, uma mão em seu ombro e a outra, de maneira velada e erótica, nas nádegas de Macthelo, o chefe da guarda do rei, que se posta como quem fosse desferir golpe mortal e todo seu ser pende para o trono. Do outro lado vemos Hamlet, adolescente gótico e, atrás dele, preocupada com a postura e as roupas do jovem, vemos Ama que Ama, que está tentando esconder-se, apesar da sua altura. Derramando euforia pelos poros, vemos Ophélia, menina quase mulher, que trás consigo um boneco, a quem trata por Príncipe. A frente de todos, deitado, sorrindo como quem dissesse 'eis minha obra', o Bobo. Do outro lado do palco, está Sinhá Margaret, entre imensos sacos de lixo.*

### **SINHÁ MARGARETH**

Observai como sorriem, pois que mais traiçoeiro  
é: o sorriso. Ele transforma grandes arapucas  
em camas confortáveis, abraça o terror, afaga a miséria.  
Brinca de assassínios, corrompe a liberdade,

desafia a morte como quem invulnerável fosse,  
desrespeita os dogmas, reinventando-os, contudo.

Observai como o sorriso adorna-lhes o rosto.  
Depois o comparai com as lástimas vindouras,  
como um parente que, tendo vivido ao sol  
em detrimento da cronologia, envelhecesse antes.

Enquanto sonham-se reis, sorriem.  
Descobrimo-se porcos, chorarão?

*Assim que ela sai, os atores rapidamente postam-se em cena como quem vai ouvir o Rei.*

## CENA 3. DESEJO DE REI

*Na sala do trono.*

### **MACTHELO**

Que seja feito o dia em tons claros de azul e amarelo  
e à noite sejam cingidos breu e silêncio;  
pra que coisas e pessoas, sendo feitas do que são  
escutem, atentas, as palavras de nosso rei.

*Som contínuo.*

### **REI**

Amigos leais, uns pela força do amor, outros da espada,  
ora não mais me basto, e dependo, como rebento  
de outros, pois a velhice minora o homem, e detento  
de meus limites, deflagro minha derradeira empreitada.  
Aqui vos quis reunidos em volta do que em mim resiste:  
esta carcaça que guarda dentro um corpo semi-ausente

### **HAMLET**

Mas onde a astúcia, como um bálsamo, ainda existe

### **MACTHELO**

Mas bálsamos não batalham.

### **RAINHA COM NOME DE FLOR (em tom obsceno)**

E não se postam em riste.

### **AMA QUE AMA (tirando coisas de maquiagem da bolsa)**

Mas, com um pouco de cor e base, podem novamente  
recuperar o frescor e odor dos bálsamos mais puros.

**WILL (interrompendo a AMA QUE AMA)**

Um ditado já dizia e como bom repetidor de ditados ora o repito: quando fala um burro, os outros, em apuros, baixam as orelhas. Renitente morre em juros.

**REI**

Ah! Que me enobrece reconhecer-te abobado e mais sábio que nós todos, e lépido, loquaz.

**WILL**

À língua, soberano, trago armas e não me achareis armado com adagas e espadas. Matar com palavras mais me apraz.

**OPHÉLIA**

Pois se matas, matas de rir, e se morrer é sorrir, assaz eu morra cem vezes do mais triste fado.

**AMA QUE AMA**

Vira essa boca pra lá, chega de maledicências.

**MACTHELO**

A quem interrompe um rei, fecham-se lhe as portas.

**REI**

Pois este rei, meu general, que aprecia as conveniências típicas de quem é rei e as pompas, as aparências, declara hoje todos estes vícios veleidades mortas.

Agora, minhas palavras, pensamento em forma de som, deixam de serem ordens, leis, e passam a ser desejo.

*(A Hamlet)* Aproxima-te me filho, nobre jovem, embora com genes de outro homem guarnecido, e homem bom, a ti recebi com honras de meu, benquistado, benfazejo.

*(A Ophélia)* E tu, linda criança, que do pai vi a morte dolorosa, sob tecido de grossa cortina, por um inimigo oculto,

e que, moribundo, em meus braços, disse vontade honrosa: receber-te como filha, e que eu tomasse, em polvorosa, o que a ti ferisse ou magoasse como real insulto, aproxima-te também.

**HAMLET**

Tendes-me.

**OPHÉLIA**

E a mim, meu pai.

**REI**

Pois findarei curiosidade que vosso coração devora. Em quatro dias e quatro noites, a lua vai converter-se em nova, e lua quando é nova atrai novidades em nós mesmos. Portanto agora manifesto aqui minha mais sincera vontade: Meus filhos, eu que pela mulher que contraí como esposa – semibárbara, que não há de dar-me filhos, nem prazer – não terei possibilidade de ser pai por meus próprios genes, decidi ver-me em vós multiplicado, minha coroa conceder-vos. Basta que ao fim de quatro luas vós, meus amados, casai-vos, e em vida boa gerai netos e netos de netos, pois que a vida escoo em minhas mãos e sem pausa, por sobre as duas.

*Silêncio. Hamlet não parece feliz. Ophélia estaria feliz de qualquer jeito.*

**AMA QUE AMA**

Ai! Juju! Juju! Pois que preparar seu casamento será meu grande feito: pois pra grandes feitos fui feita. E, de fato, pra nada estaria eu mais afeita! A igreja feita de rosas e fitas! E fátuo, este meu

amorzinho desfeito: já não serei de Juju e ela de mim, desafeto.  
Acharei outra Juju, pra enfeitar-me o peito.

**HAMLET**

Eu já lhe disse mais de mil vezes: não sou essa Juju!

**REI**

Chega Hamlet. Vá preparar-te, esbanjar felicidade.  
Tira de teu peito as angústias, as tormentas.

**MACTHELO (À parte)**

Tem quatro luas meu destino e, a bem da verdade,  
quatro luas serão convertidas em quatrocentas.

**OPHÉLIA (À parte)**

Pra ti, meu outro pai (a quem tenho menos amor  
mas respeito em dobro) um presente vou urdir:  
um outro de ti, pra que, tendo-te duplo, sem dor  
poderás ter-me nenhuma, quando eu partir.

*Música. Os atores se dispersam. Bobo vem à frente.*

## CENA 4. SOLILÓQUIO DE WILL

### **WILL**

Assim, minha tenra pena traça nosso ponto de partida: como um circo que tivesse aberto as jaulas das feras: embora nosso espetáculo pareça diversão, não se pode manter a confiança em feras. Mais a frente, estarei escondido sob o que revelo, reconhecer-me-eis pelo traço que não pertencesse a um Bobo, pertenceria a um louco, senão um louco, a um poeta bêbado, que palavras virão e irão como ondas do mar, pra arrebentarem insólitas na praia de vossos ouvidos. Serei criador e criatura, permanecendo minha aventura de deus. Se te agrada a aventura, sê deus comigo, que tudo vale a pena quando a alma não é pequena!

*Sai Bobo. Entram Rei e Rainha Com Nome de Flor, Bobo acompanha a cena, presente.*

## CENA 5. OS RANCORES DO REI E DA RAINHA COM NOME DE FLOR

*Numa das salas do castelo. Rainha com Nome de Flor segura uma bebida.*

### **RAINHA COM NOME DE FLOR**

Não podes tomar decisões unilaterais, como não fosses casado.

### **REI**

Dividisse contigo os destinos de meu reino e não haveria reino.

### **RAINHA COM NOME DE FLOR**

Tenho direitos contratuais, deve haver algum que me dê respaldo.

### **REI**

Os teus direitos confundem-se com teus deveres: não me deste filhos, perdeste ambos.

### **RAINHA COM NOME DE FLOR**

Não te dei um filho porque tu és bruxa!

### **REI**

Vais começar as ofensas, marafona?

### **RAINHA COM NOME DE FLOR**

A minha ofensa é a peso da verdade. A tua ofensa é a custo da mentira.

### **REI**

Eis uma verdade: um rei não mente. E, se mente, mentiras são verdades, verdades, mentiras.

### **RAINHA COM NOME DE FLOR**

Se tu convertes mentiras tolas em verdades cegas, que tua arrogância seja verdade e tua impotência, mentira.

### **REI**

Pois que prefiro a impotência à devassidão.

### **RAINHA COM NOME DE FLOR**

Pois que prefiro a devassidão à perfídia.

### **REI**

Pois que prefiro a perfídia à indecência!

### **RAINHA COM NOME DE FLOR**

Pois que prefiro a indecência a ti!

### **REI**

Pois que talvez prefiras a força, ou a guilhotina.

### **RAINHA COM NOME DE FLOR**

Terias coragem?

### **REI**

Mais vontade que coragem, mas não testes meus limites.

### **RAINHA COM NOME DE FLOR**

E vens falar de limites pra mim? Testei meus limites de esposa: enterrei contigo meu antigo esposo, teu irmão, nosso rei: um homem íntegro, ou quase, pois o que possuía de virtude também lhe faltava de sangue para lhe encher as veias. E veias importantes! Enterrei não como cúmplice do teu crime – pois como alcançar o poder sendo covarde? Sendo covarde. – Enterrei como quem incinera uma caixa de antigos pertences para que queimando uns se iluminem outros. Testei meus limites de rainha: ofendi meu povo, chafurdei na lama de tuas ambições e depois percebi que lá nada

viceja. Testei meus limites de mãe: ofendi meu filho em nome de um homem que eu julgava homem. Mas quê? Meu filho morreu com o pai, o que vemos hoje é um fantasma, o fantasma do pai de Hamlet.

**REI**

Teu filho ama a mim mais que a ti.

**RAINHA COM NOME DE FLOR**

Mas não deveria! Ele deveria odiar-te, pra que se confundam a tragédia dele e a tua!

**REI**

Estás louca. A tragédia de teu filho é a minha tragédia e a minha tragédia és tu!

**RAINHA COM NOME DE FLOR**

Eu não pertenço à tua tragédia, nem à de Hamlet. Eu pertenço às comédias, às peças bárbaras, aos improvisos populares.

**REI**

Aos prostíbulos, aos hospitais, aos manicômios! Estás louca e como louca deves ser tratada.

**RAINHA COM NOME DE FLOR**

Estou louca sim e eis como devo ser tratada!

**REI**

Macthelo! Onde estás? General! Onde estás! Venha aqui agora!

**MACTHELO**

Chamaste, soberano?

**REI**

General, de armas em punho, dê um jeito nesta mulher! Dê um jeito nesta mulher!

*Sai o rei pra um lado, Macthelo e Rainha Com Nome de Flor por outro.*

## CENA 6. PREPARATIVOS PARA O CASAMENTO.

*No quatro de Hamlet.*

**HAMLET**

Estás louca, te falta um parafuso, tomaste poção estragada.

**AMA QUE AMA**

Tomei remédio com chá de cupido, que me fez por ti devotada.  
De amor mais sincero, materno, pois de mãe o amor é mais pleno.

**HAMLET**

Teu amor é sepulto defunto pelos efeitos letais de um veneno.

**AMA QUE AMA**

Não fale palavras tão duras, ansiosa deves estar com teu destino.

**HAMLET**

Se estivesse, estaria ansioso. Só me acompanha adjetivo masculino.

**AMA QUE AMA**

Ai, que de branco e grinalda, serás a mais linda nubente.

**HAMLET**

Acorda desse pesadelo infeliz, sua desvairada, demente!  
Que este casamento me será útil como uma caverna  
em que um criminoso articula a vingança sempiterna.  
Mas o criminoso não serei eu, mas o feliz carrasco  
que vai transformar esta festa vã em grande fiasco.

### **AMA QUE AMA**

Logo vi, pela tua cara um tanto turva e pálida,  
e pelos olhos fundos e pela aparência esquálida,  
que a noite não te foi agradável, mas perturbada,  
pois de tudo o que falas, não compreendo nada.

### **HAMLET**

Que não compreendas e assim permaneça.  
Deixa-me a sós com minhas ideias. Desapareça!

### **AMA QUE AMA**

Ah! Minha amada senhora Juju! Que devaneio poético  
é o matrimônio, de tão aguardado, torna cético  
aquele que o recebe.

### **HAMLET**

Devaneio, desvario, dislexia,  
fosse isto uma peça e tu serias um erro de caligrafia,  
ou uma personagem perdida numa peça equivocada.  
Tu não pertences a esta peça, acorda, destrambelhada!  
Não percebes o quanto teu trabalho soa obsoleto?  
Volte para o trabalho na casa dos Capuletto.  
E eu, para proteger e articular minha sorte futura,  
deixo-te a sós, imersa em crescente loucura.

*Sai. Ama que Ama, sozinha, canta.*

### **AMA QUE AMA**

Ai!  
Como pesa o peito meu.  
De tanto amar  
se perdeu.

### **CORO**

De tanto amor se perdeu.

### **AMA QUE AMA**

Ai!

Hoje sou feita de dor,  
fruto maduro  
do amor.

### **CORO**

De tanto amor se perdeu.

### **AMA QUE AMA**

Deixa que eu te sirva e vista,  
que te embale o sono,  
que te pinte o rosto,  
que te faça a cama.

### **CORO**

De tanto amor se perdeu

### **AMA QUE AMA**

Quanto mais de mim se dista  
sua tez, meu trono  
é o reino do desgosto.  
Infeliz mucama

### **CORO**

De tanto amor se perdeu

### **AMA QUE AMA**

Ai!

Como pesa o peito meu.

**AMA QUE AMA e CORO**

De tanto amar  
se perdeu.

*Sai.*

## CENA 7. A RAINHA E A FUTURA RAINHA

*Ophélia entra, com seu boneco a tira colo. Rainha com Nome de Flor vem passando com Macthelo a conduzindo pelo braço e pelo desejo. Quando avista Ophélia, sem que seja vista pela menina, confia ao General, permanecendo oculta:*

### **RAINHA COM NOME DE FLOR**

General, em breve, como foi da vontade de teu soberano, darás um jeito nesta mulher.

### **MACTHELO**

O que especulas?

### **RAINHA COM NOME DE FLOR**

Nada que atravesse nossas pretensões: mas coisas pequenas tendem, se não percebidas a tempo, a ceifar coisas grandes, como lâmina aguda de machado em carvalho centenário.

### **MACTHELO**

Pois não demores, que o tempo é meu carvalho e eu seu machado. Logo, logo, cairá.

*Ele sai.*

### **OPHÉLIA (sem perceber RAINHA COM NOME DE FLOR)**

Eis o que será o novo rei:  
Boneco que urjo com amor,  
um mimo praquele senhor  
de que sempre de amar eu hei.

Não se reconhecem os traços  
pois eu não cuidei dos detalhes,  
mas com mais alguns entalhes

articulação de pernas e braços

e pelos com palha e tecidos reais  
(de roupas abandonadas à revelia  
pela nobreza daqui, na lavanderia)  
ficarás mais real que nós, mortais.

E já que tu serás rei, no lugar desse aí,  
um príncipe já és, mesmo em carcaça.  
Eu te construo, teu destino se traça,  
serás rei, nem que tenha que moldar um reino para ti.

Há um mimo melhor para um rei  
do que ele mesmo duplicado?  
E, ante si, nosso rei, encantado,  
nem perceberá que, com Hamlet irei

embora daqui, desposada, feliz  
viver uma vida real, mas sem realeza,  
sem coroa, sem ancas, serei camponesa,  
cozinheira, professora, poetiza, atriz.

*Rainha com Nome de Flor se mostra.*

### **RAINHA COM NOME DE FLOR**

Ah! Surpreendi-te, bastarda! Em mais clara confissão impossível.  
Entendo agora as artimanhas de teu plano funesto.

### **OPHÉLIA**

Entendeste? Ai que bom, pois peço-te que sejas sensível  
e me explique este meu plano, a ideia, os fins e o resto.

### **RAINHA COM NOME DE FLOR**

Enganas a todos com este teu falso jeito doce e singelo,

mas não a mim, sou feita do que são feitos os sábios.  
Queres casar-te com meu filho, raptando-o deste castelo  
e depois, a noite, derramar-lhe gotas de veneno nos lábios,  
para então desposar a este chamado de príncipe por ti.  
E mesmo a coroa, este símbolo do que mais sagrado é,  
queres derreter. E meu anel de diamante e meu colar de rubi  
vais vender a preços módicos. Coisa de pobre, de ralé.

### **OPHÉLIA**

Vamos fazer um trato, então: eu me caso com teu filho  
mas a coroa continuará senta tua, e nos eventos reais  
tu usarás as cores fortes, repleta de pompa e brilho  
e eu ficarei jogando damas com o bobo e com os serviçais.

### **RAINHA COM NOME DE FLOR**

Pois pensas que me enganas com tamanha simpatia?

### **OPHÉLIA**

Simpatia maior tens tu e glamour e beleza e elegância.  
O quê? Ah! Sim! Meu príncipe me diz que seria  
uma honra, sendo rei, ter rainha em tanta exuberância.

### **RAINHA COM NOME DE FLOR**

Um boneco? Rei? Estás louca e pobre e demente, sei,  
pois um boneco por príncipe já é uma completa insanidade,  
imagina por rei! Ah! Que um boneco nunca será rei!  
E paro de perder tempo contigo, que meu tempo se evade.

*Sai.*

### **OPHÉLIA**

Parece ter ficado exaltada, a rainha.  
Mas chega, uma festa se aproxima.  
Apresso, com afinco, minha obra prima:

um novo rei que em breve se avizinha.

*Sai.*

## CENA 8. PRIMEIRA INSERÇÃO DO REINO DO LIXO

*Noutro ponto do palco Sinhá Margareth começa a construir seu reino, acompanhada de seu séquito do lixo.*

### **SÉQUITO**

Escarro, excremento, fudum,  
arroto na esquina e um pum.

Podridão, covardia, chulé,  
bicho de goiaba ou de pé,

tudo cabe em nosso jantar  
bolor para nós é manjar.

Furúnculo, carrapicho,  
vale tudo no reino do lixo.  
Vale tudo no reino do lixo.  
Vale tudo no reino do lixo.

### **SINHÁ MARGARETH**

Não há reino que não se inicie em lágrima grossa  
ou em sangue: alguns em ambos. Não este nosso.  
Este começa na festa das sobras: no cheiro de fossa,  
na valsa dos vermes, mancha de cama, no que não possa  
ser digerido por paladares delicados, no troço  
que não coube na escrivaninha e que descartado é,  
para pender inútil nos lixos de todo humano excesso.  
Aqui, este excesso vira regra, fanfarra, ballet  
dos escrotos, dos mendigos, dos doentes, da ralé.  
Viva o mofo, a galhofa, o esculacho, o avesso!

## **SÉQUITO**

O mofo, a galhofa, o esculacho, o avesso,  
vale tudo no reino do lixo!  
Vale tudo no reino do lixo!

## **SINHÁ MARGARETH**

*(Para a plateia)* Alguém tem um cigarrinho aí?

*Irrompem todos pela plateia, catando lixo.*

## 2º ATO

### CENA 9. SOB TRAMA E CAMA.

*Numa sala do reino, está Macthelo, impaciente. Entra Rainha com Nome de Flor.*

**MACTHELO**

Já te desocupaste das coisas pequenas?

**RAINHA COM NOME DE FLOR**

E vim ocupar-me das grandes.

**MACTHELO**

As minhas coisas grandes serão as mesmas que as tuas?

**RAINHA COM NOME DE FLOR**

As minhas coisas grandes são as tuas coisas grandes, meu mouro de Veneza.

**MACTHELO**

Não te pervertas em pensamentos: a hora exige ação.

**RAINHA COM NOME DE FLOR**

Eis a inteligência das horas: ajamos!

**MACTHELO**

Antes que as horas passem.

**RAINHA COM NOME DE FLOR**

Deixa que elas passem todas.

**MACTHELO**

Que dizes? Precisamos interromper um casamento.

**RAINHA COM NOME DE FLOR**

O meu?

**MACTHELO**

O de teu filho.

**RAINHA COM NOME DE FLOR**

Esqueça meu filho: dê um jeito nesta mulher!

**MACTHELO**

Se teu filho se casa, será a ele que deverei matar.

**RAINHA COM NOME DE FLOR**

Com meu filho deixa que eu me entendo: já me entendi uma vez.

**MACTHELO**

Entenda-te com teu filho, eu me entendo com teu marido.

**RAINHA COM NOME DE FLOR**

Entenda-te com meu marido, entendo-te como marido.

**MACTHELO**

Entender-me-ás como marido e terás rei: rei marido, marido rei.

**RAINHA COM NOME DE FLOR**

Olha que me prometes muito.

**MACTHELO**

Pois tudo o que prometo a ti não é nada perto do que prometo a mim mesmo.

**RAINHA COM NOME DE FLOR**

E no que prometes a ti há lugar para o que prometes a mim?

**MACTHELO**

Tu serás perfeita no que me prometo, uma vez que me prometas lealdade.

**RAINHA COM NOME DE FLOR**

Serei sempre leal a mim mesma, a meus desejos, a minhas vontades.

**MACTHELO**

E qual tua vontade agora, obscena soberana?

**RAINHA COM NOME DE FLOR**

Eu quero a cabeça do rei.

*Macthelo pega Rainha Com Nome de Flor pelo braço.*

**MACTHELO**

E quando eu for teu rei?

**RAINHA COM NOME DE FLOR (em tom obsceno)**

Continuarei querendo a cabeça do rei.

**MACTHELO**

Não sei se mais temo Eros sob auspícios de Tânatos ou Tânatos sob auspícios de Eros.

**RAINHA COM NOME DE FLOR**

Pois segurando-me com essas mãozinhas frágeis, em mim esconduras Tânatos e ridicularizas Eros.

**MACTHELO**

Serei rei antes que as trompas anunciem o enlace, antes que o reinado troque de mãos, para que tenha que matar teu marido inútil e não teu filho inútil.

**RAINHA COM NOME DE FLOR**

Ai! Que agora despertaste Tânatos, mas ainda não Eros.

**MACTHELO**

Verás Eros virando Tânatos e Tânatos sob os flancos de Eros, e serás tudo e mais que tudo: nada.

*Entra Hamlet*

**HAMLET**

Solta minha mãe, seu canalha de alma obscura.  
Uma vez e outra observei-te em atos dúbios.  
E, sob sorriso torpe e olhares rúbeos,  
olhavas de viés, como tivesses em clausura  
no peito uma vilania, pronta pra libertar.

**MACTHELO**

Solto tua mãe, garoto, embora pra ela  
seja duro soltá-la.

**RAINHA COM NOME DE FLOR**

Não ponhas linha no tear  
deste pensamento, General. E esta querela,  
meu filho, não vale uma letra dum livro  
de onde tivessem arrancado a capa.  
Chega.

**HAMLET**

Este biltre dos olhos não me escapa.

**MACTHELO**

Observas-me em segredo? Olha, que no crivo do que nos define homens tu não passarias.

**HAMLET**

O que insinuas com tais ironias grosseiras, cão?

**MACTHELO**

Quase nada. Apenas planto sementes no chão. És tu o agricultor que cultiva tais galhofarias.

**HAMLET**

Atravesso-te o peito minha espada crua para assim conheceres minha virilidade.

**MACTHELO**

Posso apresentar-te a minha, pois na verdade tenho a espada razoavelmente maior que a tua.

**RAINHA COM NOME DE FLOR**

Pare com esse sentido duplo, e tu com esse sentido torto. Depois, com calma, entre quatro paredes, meu filho, te explico a cena que ora tu, surpreso, viste. E saiba, tu, General, que fico torcendo, pra que em breve, tudo o que tememos, esteja morto.

*Sai Rainha Com Nome de Flor, sob a névoa de um pequeno susto.*

**MACTHELO**

Agora confessa, pequeno príncipe, futuro rei, a melanina de minha pele não te tira do sério? Em tuas noites mais insones, não sonhas comigo de dorso nu sobre tuas indagações reticentes? Quando me fitas, teus olhos não são estrelas cadentes aprisionadas em teu globo úmido?

Se te calas é porque te prostras. Se te prostras,  
é porque sentes, no calor que o rubor provoca,  
que estou certo, que sei um segredo teu  
que até tu, príncipe bastardo, futuro soberano,  
preferias enterrado em teu jardim secreto  
(este lugar que jovens cultivam com mais zelo).  
Mas te assossega: Minhas armas uso  
apenas quando severamente necessário.  
E ainda não é necessário que as use contigo.  
Ainda.

*Sai Macthelo. Hamlet só.*

## CENA 10. SOLILÓQUIO DE HAMLET

### **HAMLET**

“Ser ou não ser – eis a questão.  
Será mais nobre sofrer na alma  
pedradas e flechadas do destino feroz  
ou pegar em armas contra um mar de angústias –  
e combatendo-o, dar-lhe fim? Morrer; dormir;  
só isso. E com o sono – dizem – extinguir  
dores do coração e as mil mazelas naturais  
a que a carne é sujeita; eis uma consumação  
ardentemente desejável. Morrer – dormir –  
dormir! Talvez sonhar. Aí está o obstáculo!  
Os sonhos que hão de vir no sono da morte  
quando tivermos escapado ao tumulto vital  
nos obrigam a hesitar: e é essa reflexão  
que dá a desventura uma vida tão longa.  
E assim a reflexão faz todos nós covardes  
e assim o matiz natural da decisão  
se transforma no doentio pálido do pensamento.  
E empreitadas de vigor e coragem  
refletidas demais, saem de seu caminho,  
perdem o nome de ação”.

*De dentro, surge uma voz que corta os tímpanos como lâmina: Jujú!*

### **HAMLET**

Retirar-me-ei para longe dessa desvairada  
antes que de minha vingança não sobre nada.

*Sai Hamlet. Entra Ama que ama, dizendo:*

### **AMA QUE AMA**

Ela corre de mim, eu morro.

Sorte a minha, quanto mais corro  
atrás dela, mais a amo.  
Amor, meu amor te proclamo.

*Sai, chamando Jujú.*

## CENA 11. O DESAPARECIMENTO DO REI

*Em frente ao banheiro, entra Will, trazendo o Rei pelos braços: O Rei está completamente cego.*

**WILL**

Ai, que agora já não enxergas e sou eu teus olhos. Andas mal e quem foi eleito tuas pernas? Eis aqui quem vos fala. Em breve, quando te atacar a incontinência urinária, ou a pior das prisões de ventre, que serei eu de ti?

**REI**

Serás o que eu quiser que tu sejas, pois que pode querer um Bobo senão tornar-se a vontade de quem o possui?

**WILL**

Pois que tornar-me vossa vontade não me deixa muito à vontade.

**REI**

Onde estás, que não te alcanço? E, se não te alcanço, não me domino.

**WILL**

Um rei que não domina? Veja bem que paradoxo.

**REI**

Para com paradoxos, sejas simples: onde estás?

**WILL**

Estou onde tu não estás: a três passos de cada pé, ou seja, passos por dois.

**REI**

Isto resulta em seis?

**WILL**

Ou nove, caso três pés tenhas tu.

**REI**

E pode algum homem três pernas ter, infeliz? Desprezas minha inteligência?

**WILL**

Desprezar o desprezível é desprezar o desprezo. Mas há homens que tem três pernas e tu já mereces a terceira. Tais são os velhos que, perdendo terreno para o desequilíbrio, têm uma bengala como um membro a mais.

*O Rei alcança Will.*

**REI**

Pois para, pândego, com trais troças, ou terás um membro a menos.

**WILL**

Tirando-me um, com uma bengala teria dois.

**REI**

Leva-me ao banheiro, antes que te faça limpar o que talvez eu faça nas calças!

**WILL**

Uma parte disto já fizeste, majestade, ou então o cheiro chegou antes.

**REI**

Ai! Ao respeito que não em tens, faço ode à guilhotina!

*Soltando novamente o rei.*

**REI**

E volta aqui, seu Bobo estúpido, ou te faço protagonista dessa ode!

**WILL**

Falaste em guilhotina e decepaste minha devoção.

**REI**

Não me abandones ou te abandonas a ti mesmo.

**WILL**

Não estou mais contigo, porque o banheiro tens à frente: agora entrar, entras sozinho, que não tenho estômago para certas amabilidades.

**REI**

Entra comigo que posso confundir funções, já não domino mais todas as intelectualidades.

**WILL**

Há coisas, meu bom rei, mais profundas que a intelectualidade, comandadas por outras vias. Portanto, vá sozinho, abandona-te a ti mesmo e há de descobrir novas possibilidades.

**REI**

Eis como são tratados os velhos: quando fores velho, lembra-te disto.

*Rei vai andando sozinho, Will fica só.*

**WILL**

Velho? Com a vida que venho levando, não sei se chego a tanto. Ou outra: talvez com luas em que homem normal festeja o vigor, eu já definhe, e precise, como tu, não de um bobo, mas de olhos, de pernas, de braços e adjacências de um tolo. Mas, ao contrário de ti,

não permitirei ser levado ao banheiro, que é no banheiro onde destilamos a mais plena dignidade e tal plena dignidade se frui sozinho, para não dividi-la com ninguém. Ah! E por falar em ninguém, que leve é a sensação de estar livre de alguém, de independe de quem de nós depende. Ora Bobo, quem é teu Senhor? Meu senhor é um belíssimo e honradíssimo senhor, senhor: Ninguém. Quem é este amado cavalheiro, que te trata com máxima dignidade e pleno respeito? Ninguém. Quem é este que te ama, Bobo, como a um da família, mas mais próximo que filho? Ninguém. Ninguém. Ninguém! Mas como tal Ninguém não me paga nada e com nada não come ninguém, voltemos a alguém. Amado Rei, podes abandonar teu trono, que te conduzo ao outro. *(Silêncio)* Adorado Soberano, siga a direção de minha voz e vem até mim, para retornarmos aos aposentos reais. *(Silêncio)* Venerável, insofismável, indizível magnânimo, não me faças mais Bobo que Bobo sou, porque isto apenas confirmaria a minha competência, se competente possa ser sobrenome de bobo. Podes sair. Saia! Por favor, saia, senhor! *(Bobo procura dentro do banheiro, mas não há ninguém.)* Por tudo que tenho e principalmente pela cabeça que tenho, perdi o rei! Por tudo que não tenho e que nunca teria: perdi o rei. Por tudo o que tenho e que não mais terei: perdi o Rei! Perdi o Rei!

*Sai, como se tivesse sido estocado por arma de pouco calibre.*

## CENA 12. SURGE JUJU

*Numa sala do palácio, entra Ama que Ama chamando por sua Juju, seguida por Ophélia.*

### **OPHÉLIA**

Porque choras, gentil senhora? E tens tão pesada fronte?

### **AMA QUE AMA**

Ai! Que de mim se perdeu minha doce Juju. Afronte das amas todas sou eu. E desprezada e desprezível.

### **OPHÉLIA**

E quem é que amas com este amor incrível?

### **AMA QUE AMA**

A coisa mais tenra e doce, um tanto lépida e audaz de sarda exposta, de rubro lábio, que tanto apraz deixar-me louca, para ocultar-lhe diabruras e pequenas perversidades, e também travessuras típicas de sua pouca idade.

### **OPHÉLIA**

E onde está este ser de luz?

### **AMA QUE AMA**

Muito me ofende e foge de mim com o diabo da cruz.

### **OPHÉLIA**

Pois não fujo mais. Voltei para teus braços afáveis.

### **AMA QUE AMA (em êxtase)**

Juju? Minha Juju? Ai, Juju! Foram intermináveis os dias em que não te possuí nos braços.

Onde estiveste?

### **OPHÉLIA**

Saindo de casa, dei uns passos  
em direção a um lugar distante, pensando eu:  
'voltar será fácil', como novelos que o jovem Teseu  
desenrolou no labirinto. Assim, confiante, o lar  
abandonei! Quando quis, já não pude voltar.  
Mas ora estou aqui, e com este nome, Juju,  
Retorno a teus e meus braços.

### **AMA QUE AMA**

Ai, que tu  
estás mais bela, como se pudesses ser ainda  
mais bela que já eras, intrépida e linda.

### **OPHÉLIA**

E tu, daqui de baixo, percebo, mais alta.

### **AMA QUE AMA**

Ai, que ainda a ti o bom senso falta,  
pois que após os vinte, só se cresce pros lados.

### **OPHÉLIA**

Ou por dentro, que humor e amor combinados  
Expandem nossa força de vida e alegria.

### **AMA QUE AMA**

Ai! Que assim gorjeia em bemóis minha cotovia.

### **OPHÉLIA**

E canto mais, se te enfeita o temperamento.

### **AMA QUE AMA**

Ah! E em se lembrar de enfeite, o casamento!  
Precisamos apressar nossos preparativos.

### **OPHÉLIA**

Pois agora que já repousas em ares lenitivos  
preciso confessar-te uma sutil digressão.

### **AMA QUE AMA**

Minha amada senhora, não é hora de confissão.  
Para a cerimônia confeccionei-te vestido  
tão belo, que dir-se-ia por fadas tecido.

*Ama que Ama tira o vestido da bolsa. Tira outras peças as veste em Ophélia.*

### **OPHÉLIA**

Minha doce senhora, é lindo, mas infelizmente  
não sou quem pensas que sou, e somente  
pratiquei este ato pra ver-te corada e alegre.

### **AMA QUE AMA**

Não há juventude que amiúde não integre  
certa rebeldia. Falas assim, pois ainda não viste  
as joias de pedraria rara. Quem resiste  
a tão inefáveis mimos?

### **OPHÉLIA**

Tudo aqui é muito belo,  
mas o que não é belo faz-me o sorriso amarelo.  
Pois a mim gasta receber mimo que não é meu.

### **AMA QUE AMA**

Queria ver os olhos indecentes de Romeu

ao ver em que beldade serás convertida.

### **OPHÉLIA**

Ai, que esta beldade está quase arrependida do jubiloso ato que há pouco cometeu.

### **AMA QUE AMA**

Serás minha Helena, que homens perverteu com tamanha beleza.

### **OPHÉLIA**

E tamanha astúcia.

Deixa-me explicar-te, senhora, cada minúcia deste meu malfadado stratagem.

### **AMA QUE AMA**

E rosas e laços e leve olor de alfazema e cores claras pra recuperar a virgindade que o jovem Montecchio, em insanidade tirou de ti. Ai, que princesa do oriente está se tornando minha boneca, ausente de sua aura de menina e em mulher convertida. É como se fosse eu a noiva, comovida. Ah! Mas me esqueci de trazer a calda do vestido, e a tiara e também a grinalda. Com meus esquecimentos me revolto. Mas espera: num pé eu vou e no outro volto.

*Sai.*

## CENA 13. A DANÇA

*Entra Macthelo. Fica parado frente à Ophélia, que está com um buquê de flores.*

### **MACTHELO**

Ou meus olhos me cegam ou me enganam ou um misto de ambos, pois que por alguns instantes meu coração turvo bate mais rápido e sinto emoções adolescentes há muito neutralizadas por pensamentos terríveis.

### **OPHÉLIA (À parte)**

Ai! Lá vou eu novamente querer corrigir as dores do mundo. Só espero que desta vez logre êxito, muito embora me divirtam alguns equívocos. (A Macthelo) Meu senhor, normalmente franzes o cenho, como se te postasses habitualmente em posição de combate, procurando inimigos onde não os tem. Mas hoje não. Hoje parecees banhado em leite e que tiraram de ti camada grossa e tensa.

### **MACTHELO**

Banhei-me no líquido límpido de teus olhos.

### **OPHÉLIA**

Como me apraz liquefazer assim suas tensões.

### **MACTHELO**

Entendes que nem os militares mais astutos dos reinos inimigos depuseram assim minhas defesas?

### **OPHÉLIA**

Aproveita, então, a fluidez, general. Submerge, um pouco, nas águas que te abraçam.

**MACTHELO**

Tu falas, moça? Murmuras? Ou cantas?

**OPHÉLIA**

Falo. Falo pelos cotovelos. Mas canto. Nos chuveiros.

**MACTHELO**

Pois chove caudalosamente em todas as minhas convicções.

**OPHÉLIA**

Canto na chuva também, general. Dança comigo?

**MACTHELO**

Dançar? Eu seria capaz de dançar?

**OPHÉLIA**

Eu canto e nós dançamos. Segura aqui este buquê, me dê um breve momento para acalantar minhas cordas, que de outra forma pigarreio e não alcanço as melhores notas.

**MACTHELO**

Dou-te todos os momentos, sejam breves ou eternos.

*Ophélia canta*

**OPHÉLIA**

Ontem  
um gato malhado chupou meu dedão,  
mariposa marota na palma da mão,  
fiz trompa em fá de um caracol,  
mas sou desafinada e só canto em bemol.

Ante ontem  
percorri distância na ponta do pé,

bebi absinto e cheirei rapé,  
dei corda num velho relógio inglês,  
e como xingaram fiz tudo outra vez.

*Macthelo a toma nos braços e, surpreendida, ela se deixa levar por ele e dançam sobre tudo o que ainda não sabem.*

### **MACTHELO**

Deixa que eu te acompanhe  
numa taça de champanhe.

### **OPHÉLIA**

Muito obrigada, não bebo.  
Mas por educação o recebo.  
Ai que passo desengonçado!

### **MACTHELO**

Pra quem nunca havia dançado  
até que é uma dança fluente

### **AMBOS**

Dancemos. Dancemos, somente!

*Entra Ama que Ama, surpreendendo-os. Macthelo fica com o buquê.*

### **AMA QUE AMA**

Juju! O que é significa este ato traiçoeiro?  
Seria uma despedida de solteiro?

### **OPHÉLIA**

É apenas um momento feliz. Agora,  
sem mais delongas, vou-me embora.  
Que a felicidade acompanhe os dois.

**MACTHELO (entregando o buquê a Ama)**

Segure aqui estas flores, senhora, e depois tudo o que viste aqui, esqueça, não preenchas com futilidades a cabeça.

*Sai.*

**AMA QUE AMA**

Flores? Pra mim? Meu Deus! É a primeira vez que recebo flores. Então aqueles olhares enviesados deste homem pra esta mulher eram olhares de homem, no sentido de 'homem'? Talvez ele me queira como mulher, no sentido de 'mulher'. Ai! Que feneço, bambeiam minhas pernas, um general! Talvez ele não queira e tudo não passe de vã ilusão. Mas como saber se sim? Ou saber que não? Já sei: as flores. Vejamos. Bem me quer. Mal me quer. Bem me quer. Bem me quer. Mal me quer. Bem me quer. Bem me quer. Bem me quer. Bem me... bem me quer. Muito bem me quer. Maravilhosamente bem me quer. Loucamente bem me quer...

*Sai e continua despetalando as flores.*

## CENA 14. O QUE FALTA NO REINO DO LIXO?

*Noutro ponto do palco, Sinhá Margareth, que durante este tempo ficou construindo seu reino.*

### **SINHÁ MARGARETH**

Eis o que de meu reino tenho pronto:  
eu mesma, Rainha mãe, plena e limpa,  
o trono, de onde observaremos o mundo,  
como olhos de deus e de cão que caça;  
o salão de festas, onde comemoraremos  
o que somos e em quê nos tornaremos;  
os grandes retratos, aproximando-nos  
dos céus; as latrinas, onde esvaziaremos  
nossa consciência e estômagos, que  
por fim, como sabemos, se confundem.  
Embaixo as masmorras, onde garantiremos  
a nossos filhos e netos perpetuarem-nos  
e aos seus, pois, de um homem que se  
quer lealdade, ou extirpa-o a liberdade  
ou o mata, dependendo do grau de  
lealdade. Assim, parece meu reino  
completo, em menos tempo que os  
sete dias clássicos: *(para cima)* Quem é melhor?  
*(Ao público)* Agora meus amigos, sob os efeitos  
de cansaço – pois que criar um reino  
não é das tarefas mais fúteis, nem fáceis,  
- pergunto-vos, eu, e deixo-vos a  
serena escolha: ou a resposta ou a masmorra.  
Pois bem, amigos: O que falta em meu reino?

*Sinhá Margareth interpela o público, forçando que alguém responda: 'Um rei!'*

### **SINHÁ MARGARETH**

Pois é isso: já quase me esquecia: tantos são os afazeres que me escapava uma função sem a qual não me legitimaria mãe: o pai! Pois pra que serve um homem, se não para confirmar quem não o é? E, sob as guerras, quem melhor para negócios do que quem filhos pode ter na batalha? Ah! Esqueço-me: que homem serve pra trocar lâmpadas! É isso! Preciso de um rei que saiba trocar lâmpadas! Alguém aí se habilita? Pode ter barriga, que rei sem barriga é como papai noel sem saco. Tu, jovem rapaz? Sabes escrever? E trocar lâmpadas? Darias um bom rei! Estás um tanto sujo, mas eu mesma te banho. Trouxeste um documento pra que eu saiba se és bem nascido? Olha que corto a cabeça de falsários! Guardas! Guardas!

*Surge o Rei, quase esbaforido, suando como fosse feito de água.*

### **REI**

Bobo! Onde estás, por todos os deuses, que já não me aguento em pé! Tanto andei que tudo o que fiz, quero fazer novamente! Bobo bobo! Que já tinha decidido cortar-te a cabeça, mas agora resolvi cortar-te o corpo e deixar só a cabeça!

### **SINHÁ MARGARETH**

Alto lá! Nem mais um passo, ou posso acionar o que te será letal!

### **REI**

E quem é que, insolente, despreza o que em mim é real?

### **SINHÁ MARGARETH**

Vejo um velho cego, vestido em trapos, um rei da sarjeta.

### **REI**

E nada mais se oferece à tua leitura em minha silhueta?

### **SINHÁ MARGARETH**

Que estás acima do peso, talvez pouco exercício pratiques.  
Que vives de maledicências, de má fé, de trambiques,  
Que pareces mais velho que realmente és, um Zacarias!  
E que a vida te custa caro e que com teu posto te enfastias.

### **REI**

Pois assim que eu disser quem sou, cairás de joelhos  
e terás arrepiados todos teus pelos, inclusive pentelhos,  
pois faltastes-me com respeito, mas a ti perdoarei.  
Sou eu, o chefe de tudo, o pai de todos, o rei!

*Sinhá Margareth dá uma sonora gargalhada.*

### **SINHÁ MARGARETH**

Só se fores rei-macaco! Ou talvez um rei-mosquito!  
Que só de ouvir a palavra rei em tua boca, vomito.

### **REI**

Pois não ponhas tão a prova o ônus de minha paciência.  
Ou isto é uma brincadeira, ou a mais pura demência.

### **SINHÁ MARGARETH**

Pois saiba que todos são feito loucos e eu a única sã,  
portanto, falso rei, abandones qualquer esperança vã  
de por mim seres coroado. Para tanto precisarias  
abandonar este corpo em que vives. Então serias  
apresentado a outros corpos e outra vida em ti  
nasceria.

### **REI**

Neste corpo que vês, mulher, corpo em si  
tão diluído, já não repousa vida. Portanto, eu digo:  
abandonar o que abandonado está, consigo.

E se nada me resta, tudo em mim se possibilita,  
e se tu és sã e eu doente, vem, me reabilita.

**SINHÁ MARGARETH**

Se para ter um reino completo me falta um rei,  
a ti, meu nobre pobre, hoje reabilitarei.

## 3º ATO

### CENA 15. UM NOVO VELHO REI

*Na sala do trono, Will.*

#### **WILL**

Ai, que já me pesa a cabeça: quando cortada chegará mais rápido ao chão. E se o desespero tem nome, hoje ele se chama Will, o Bobo. Em quanto tempo estarei morto? Acho que em pouco tempo. Portanto, só me resta fruir a vida enquanto vivo. De que, afinal, é feito um Bobo, senão de irresponsabilidades e euforia. Perdi o rei? Viva. Sumiu o Rei? Bravo!

*Entra Rainha Com Nome de Flor, que ouve as últimas frases de Will.*

#### **RAINHA COM NOME DE FLOR**

Estás ensandecido, ou ouvi tais palavras intrigantes?  
Mas espera: um bobo ensandecido é quase um pleonasma: quando falam verdades miúdas, são mentiras gigantes, e mentiras são verdades, sem engano, sem sarcasmo.  
*(A Parte)* Ah! Meu doce General cumpriu seu plano sozinho e me extirpou do acordo. Ou isto significa que em breve serei eu a desaparecer sem indulto desse homem mesquinho ou que estou livre, enfim Rainha e mulher, solta, leve!

*Rainha canta e gargalha, ou mistura as duas ações. Acordes nervosos.*

#### **CORO**

Leve

Ela não sustém suas próprias pernas  
Preferiria levitar

como os homens das cavernas  
Melhor seria não pensar  
Na vida

### **RAINHA COM NOME DE FLOR**

Aquilo que eu tanto queria  
cheguei a perder-me em euforia  
Agora finalmente aconteceu  
o que me fenecia faleceu

### **CORO**

Solta  
Ela não concorda com a razão  
refugiou-se no sonhar  
Sua companheira é a tentação  
Ser o que desejar  
É a vida!

### **RAINHA COM NOME DE FLOR**

Agora vou viver feliz  
imaginar que por um triz  
Seria eu mesma assassina,  
Mas o rei cumpriu sua sina:

### **CORO**

Morrer  
Dormir  
Sonhar

### **RAINHA COM NOME DE FLOR**

E poderei sonhar sem medo  
sem ser condenada ao degredo  
Serei rainha e mulher  
Serei rainha e mulher

## **CORO**

Mulher

Mulher

Mulher

*Como euforia que se retém, assim a Rainha termina a música.*

## **RAINHA COM NOME DE FLOR**

Foi tanta felicidade, quase desvario  
que não percebi: meu copo está vazio.

Volto pra abastecer-me a euforia,  
que em breve a festa irá varar o dia.

*Sai.*

## **WILL**

É hoje: mas não me fartarei em histeria, altas doses de adrenalina  
tencionam a carne. E quando eu for devorado pela dura lei, que  
esteja minha carne tenra e sadia, pra não quebrar-lhe os dentes.  
Afinal, melhor é ser sorvido que mordido. Portanto, repouso como  
se dormisse: quem sabe tudo isto não passe de um sonho, como  
feitiço de Puck? E se morrer é dormir sem acordar, durmo, pra ver  
se acordo sem morrer.

*Deita-se. Entra Ophélia, com o boneco a tira colo, já completamente  
acabado. É um duplo muito parecido com o rei.*

## **OPHÉLIA**

Não abre os olhos, ainda,  
pra não estragar tua surpresa.  
Uma beleza suprema advinda  
do que, em si, belo é. Alteza,  
pode abrir os olhos agora!  
Não é lindo? Então imagina

tu ali, príncipe. Não te estupora  
os pulmões e a retina  
abrilhanta saber que, enfim,  
verás a que se destina  
teu ar de príncipe mirim?  
Mas espera, ali, deitado,  
pende um bobo, em sono.  
E, pelo silêncio instaurado,  
estamos a sós, no trono.  
Portanto, não será grave  
que no trono te sentes,  
não haverá entrave,  
travessuras adolescentes  
de um príncipe que em breve  
se tornará rei e sentar-se-á  
em coisa sua. Quem se atreve  
a negar o que não é, mas será?

*Ophélia senta o boneco no trono e ajeita a capa do rei sobre ele.*

## **OPHÉLIA**

Se já houve mais inteligente  
ou de maior realeza,  
nenhum rei, certamente  
teve tamanha beleza.  
Fica aí, príncipe, destilando  
o que é belo no grande.  
Que o grande se embelezando  
o que é belo se expande.  
*(À parte)* Que preciso procurar  
Hamlet, em segredo.  
Para confessar-lhe um esgar  
de dúvida ou de medo.

*Sai. De dentro dos corredores reais ecoa uma gargalhada que, de tão ácida e sincera, acorda Will, que dá um pulo, mas não abre os olhos.*

### **WILL**

Acordo: primeira atitude, estou de pé. Isto é um bom sinal, porque as almas penadas não perambulam por aí deitadas. Segunda atitude: conferir a integridade do pescoço. Ainda está aqui, o que também é um bom sinal, considerando a eficiência da guilhotina deste reino. Pois bem, terceiro e derradeiro ato, abrir os olhos. Nada mais me resta, saberei se estou sonhando ou acordado. Vamos lá. Um, dois, três e...

*Abre os olhos, vê o boneco como rei.*

### **WILL**

Majestade! Ah! Que enfim voltastes! Ah! Que sou eu o bobo, mas as maiores estripulias são tuas. E se queres ser bobo, terás que renunciar ao trono e precisarás que eu renuncie ao bobo e abrace o trono, mas para rei sou muito bobo, e, como rei, nada tens de bobo. Majestade. Rei? Soberano? O que é isto? (*Vê o boneco, ouve nova gargalhada vinda de fora.*) Oh! Se esta é a fuga de um pesadelo, fujo como fosse sonâmbulo.

*Entra Rainha com Nome de Flor*

### **RAINHA COM NOME DE FLOR**

Para tão sui generes ocasião preparei-me: minha taça enchi. Começa agora meu reinado de muitos prazeres e grande frenesi.

### **FALSO REI**

Pra que comece teu reinado é preciso que se finde o meu, ou o consumo abusivo de álcool teus neurônios todos derreteu?

### **RAINHA COM NOME DE FLOR**

Estás aí, mas não estavas, codifiquei no que teu reles bobo dizia que o trono, símbolo do que é máximo, convertera-se em cadeira vazia.

### **FALSO REI**

Pois meu trono ainda é símbolo de meu trono, desça do salto, ó estupor!

### **WILL**

Não fales assim de senhora tão digna, meu mui estimado senhor.

### **FALSO REI**

Conserva-te em teu lugar Bobo, de estar aqui como não estivesses. E tu, perua, sempre quis dizer-te na cara verdades que ouvir mereces.

### **RAINHA COM NOME DE FLOR**

E qual verdade ainda não me disseste? Que sou da casta das cafe-tinas?

Que sou afeita às imundícias mundanas? Que sou pior que tuas latrinas?

Olha que já andava desconfiada de ti, por comportamento enviesado.

Ou me dizes uma verdade que nunca me disseste ou acharei que trocado

tu estás com outro que não és tu, mas um falsário que se passa por rei.

*Tensão, como agulhas na língua.*

### **FALSO REI**

A verdade é uma só e, portanto, delicada como a cor jade, e sei dos riscos que corro, porque verdade pode ser que eu tenha uma e

tu

outra, e nenhuma das duas corresponda ao que de tão vero é nu. Ouso agora dizer-te uma verdade nova e dizer-te na cara: Sempre te amei e quando eu fingia o contrário é que me faltara coragem, pois nossos pesadelos, de que apenas sabemos nós dois, converteram-me em homem duro, e em velho nefasto, depois. Portanto, se em teu coração alucinado resta-me um pouco de amor aceita esta minha sincera verdade, Rainha minha com Nome de Flor.

*Rainha como nome de Flor não se contém e chora.*

### **RAINHA COM NOME DE FLOR**

Por quanto tempo esperei tais palavras, ó grande muquirana, e quase concordei com teus achincalhes, achando-me vil, munda-na.

Eis, senhor, de certo a resolução de um enigma. Mais obtusa verdade não te era possível. Agora, me retiro, um tanto confusa. *(A parte)* Que preciso, creem meus instintos, interromper um plano macabro.

*Sai, como se estivesse embriagada.*

### **WILL**

Ai! Que preciso remediar com ações justas esse grande descalabro e encontrar esse maldito soberano. Quem acreditará em mim quando eu disser, solene: o Rei foi aliviar-se em peso, e assim ao apertar a descarga, foi sugado por aquele outro trono, ou foi subitamente acometido de um potentíssimo sono e caiu nas tubulações largas deste castelo e se perdeu? É fato, há apenas uma verdade: Este pobre Bobo se fodeu.

## CENA 16. EU QUERIA SER TU

*No quarto de Hamlet, que está absorto em pensamentos terríveis ou pornografias inconfessáveis. Ainda assim, manuseia coisas como poções mágicas, numa jarra. Entra Ophélia.*

### **OPHÉLIA**

Ufa! Procurei-te nos salões reais e nos corredores e no jardim. Já teu quarto pensei: é óbvio demais, será mais conveniente partir dos lugares menos prováveis. E pensei que fugias de mim. Cheguei a amuar-me, quase derramei uma lágrima, mas imediatamente pensei: Calma Ophélia! Tu ainda não procuraste no quarto! Ao que vim, ao que aqui estou, para enfim conversarmos a sós. Como estás? Bem, espero, apesar de aparência farta?

### **HAMLET**

Farto.

*Silêncio.*

### **OPHÉLIA**

Só isso? Não devias dizer ‘farto do fim que escolheram pra nós’? Imagina, casar assim! Pra cumprir a última vontade do rei! Mas se tu, ao cumpri-la, te sentes farto eu me sinto triste, não por me sentires triste, mas por tu, farto. Pois eu pensei, assim que te vi a primeira vez, eu e tu crianças: existe alguém que é de mim tão diferente, mas pra mim tão necessário, como chuva e terra, tão distintos entre si, juntos nutrem a flor.

### **HAMLET**

Perdão menina, não fala mais palavras, que pra ti sou corsário, tu não eras necessária à minha tragédia. Eu queria ser tu, meu amor.

*Hamlet dá um beijo de leve no rosto de Ophélia.*

**HAMLET**

Ser, mas não ser.

*Os dois se abraçam.*

**OPHÉLIA**

Fôssemos a mesma pessoa, sonharíamos o mesmo sonho. Mas somos unos e somos sós. Por isso te peço um favor: Permite que te narre imagens que me afligem e eu suponho que falar aliviará minhas angústias.

**HAMLET**

Sou todo ouvidos, meu amor.

**OPHÉLIA**

Eu era toda tua, meu príncipe, como se tivesse assim sido feita, e um destino assim escrito não se discute, se aceita. Era como se, sendo Ophélia, houvesse presas, em meus braços, cordas de titeriteiro, manipulando meus passos. E, sem saber do mundo e de sua histeria, eu pensava: serei de Hamlet a outra metade e saiba, Hamlet, estava certa disso como lua sabe da noite e o sol do dia, a mais alegre nubente em tua vida Ophélia seria (mesmo que em sonhos convulsos, eu sonhasse com um salgueiro inclinado, e eu, tentasse subir num dos galhos finos, e o salgueiro, invejoso, lançasse-me, de surpresa, ao rio pantanoso que tinha sob si e eu, à minha desgraça indiferente, permanecesse cantando, ante a lama, renitente). Mas ontem, meu amor - que amor te tenho, ainda, porque o que é forte e verdadeiro, assim não finda - houve uma contradança que, em um segundo

confundi minhas certezas, redesenhou-me o mundo  
e olhando fundo em teus olhos, neste momento,  
digo-te que já não sei se desejo este casamento.  
Nossa, falei tanto que minha garganta está ressequida,  
dê-me um gole farto dessa tua bebida.

*Ophélia, num impulso, vai tomar o conteúdo da jarra, ao que, Hamlet, antecipando-se ao impulso dela, a detém.*

### **HAMLET**

Não, Ophélia! Esta é uma bebida preparada especialmente para nosso enlace, mas não oferecê-la-ei como brinde a ti, mas a aquele que nos une à força como elos de corrente ao fogo. Só uma coisa te peço, minha querida, realizemos nossa cerimônia e que, juntar-nos, não signifique nossa prisão, mas nossa mais plena liberdade, como um verso que inadvertidamente virasse prosa, para permanecer mais fluido.

### **OPHÉLIA**

Quedo-me confusa, mas assim, aceito,  
mesmo sem entender o que me acelera o peito.

*Saem.*

## CENA 17. ROMPIMENTO

*Numa sala do castelo. Entra Rainha Com Nome de Flor, tensa. Depois Macthelo, sob fúria, mas em dignidade.*

### **MACTHELO**

Onde estavas? Há horas te procuro e sabes que não temos tempo, que as luas se passam como grão de areia de ampulheta e que, enquanto o tempo decresce, minha ambição cresce.

### **RAINHA COM NOME DE FLOR**

Pois ambição sem sensatez é burrice. Sensatez sem ambição é mediocridade. Espero eu que tenhas ambas.

### **MACTHELO**

Tenho, porém é em tua insensatez que repousa parte de minha ambição.

### **RAINHA COM NOME DE FLOR**

Renego tua ambição, devolva minha sensatez.

### **MACTHELO**

Nem um, nem outro. Um depende do outro. Um é o outro.

### **RAINHA COM NOME DE FLOR**

Pena que sob o rastro de uns, outros desapareçam.

### **MACTHELO**

Não te compreendo.

### **RAINHA COM NOME DE FLOR**

Não te conheço.

**MACTHELO**

Conheces-me no sentido bíblico.

**RAINHA COM NOME DE FLOR**

Que talvez seja o sentido mais turvo.

**MACTHELO**

E como sugeres alvejar tal turvação?

**RAINHA COM NOME DE FLOR**

E como sugeres tu alvejar tal turvação?

**MACTHELO**

Agora não há mais tempo, ou confias em mim, ou declinas.

**RAINHA COM NOME DE FLOR**

Não há tempo para declinar, não há tempo para confiar.

**MACTHELO**

Declines ou confies, teu papel neste drama já está escrito.

**RAINHA COM NOME DE FLOR**

Qual papel? Ainda não me entregaste o roteiro em que claramente lerei os detalhes de minha personagem. Não obstante imagino que sou instrumento ideal para teus malditos desígnios, pois quem melhor que uma rainha para se chegar ao rei? Neste drama hediondo, general, o pior ator és tu. Ou não imaginas que nas noites de severo amor observo-te os olhos abertos quando os deveria ter cerrados? Que tuas expressões denunciam teu esforço? Que em lugar dos lençóis do quarto reservas pra mim o chão de lama das masmorras? Ou a terra dos cemitérios?

**MACTHELO**

Declina-te. Pois saiba que onde morre um morrem dois. Onde

morrem dois morrem todos.

**RAINHA COM NOME DE FLOR**

Não terias coragem.

**MACTHELO (avançando, como um lince)**

Duvidas?

**RAINHA COM NOME DE FLOR**

Não. De ti, não. Apenas acho que minha morte seria uma pedra demasiado grande em teu sapato.

**MACTHELO**

Nada é grande demais para quem vai matar o rei.

**RAINHA COM NOME DE FLOR (num rompante)**

Tens piedade de mim!

**MACTHELO**

Não há palavra que te salve. Tua tragédia se anuncia: em lugar de um copo de veneno tomado por engano, experimentarás o fio de minha adaga. Eras sim, o instrumento perfeito de minha sanguinolência: mais próxima do rei e quão carente! Agora, meu destino está traçado. E o teu. Que pena que tenham fins tão diversos!

*Quando Macthelo ergue a adaga para desferir o golpe mortal, surge Ama que Ama.*

**AMA QUE AMA**

Aí estás! Procurei-te feito louca, digo, venho buscando-te incessantemente para trocar contigo, melhor, queria falar-te, em segredo. Posso? Ou será que atrapalho alguma coisa?

*Quando Ama que Ama chega, Rainha com Nome de Flor desvenci-*

*lha-se de Macthelo.*

**RAINHA COM NOME DE FLOR**

*(A Macthelo)* Engana-te: nosso destino é similar! Veremos quem o encontra antes! *(A Ama que Ama)* Ele é todo teu, faz bom proveito.

*Rainha com Nome de Flor foge.*

**MACTHELO**

Sai da minha frente!

**AMA QUE AMA**

Pois não saio. Ou pensa que já não sei que teu tom ignaro simboliza, no íntimo, traduzindo-o, desejo claro?

**MACTHELO**

Meu único desejo é que saias de minha frente.

**AMA QUE AMA**

Já não precisas esconder-te sob a capa malfazeja de teu posto: estamos a sós e me posto inteira pra ti. Agora, alegre teu rosto.

**MACTHELO (À parte)**

Esta senhora altamente eloquente pode ser-me trunfo onde repousarei com honras e sem sangue meu triunfo.  
*(À Ama)* Ó nobre dama, da mais alta beleza e grande fulgor, se me fizeres alguns atos discretos, terás o louro do meu amor.

**AMA QUE AMA**

O louro de teu amor negro é o que de melhor espero, farei estes atos discretos com plena dedicação e esmero.

**MACTHELO**

Pois venha, gentil madame, vou te explicando os pormenores,

pra que depois, juntos, enfim, alcemos voos maiores.

### **AMA QUE AMA**

Pois quero experimentar tudo que é grande e com paixão.  
Que minha Juju me espere, a carne é mais forte que a obrigação.

*Saem, discutindo baixo, como segredo adolescente. Percebe-se apenas que Macthelo dá a Ama que Ama um anel.*

## CENA 18. O REINO DO LIXO ESTÁ COMPLETO

*Rei e Sinhá Margareth estão vestido de lixo. O Rei está sadio, como que recuperado de grave doença.*

### **REI**

Ó, nobre Rainha, que agora entendo:  
só pode ser rei de fato quem reconhece  
do que é feito o homem: de nada.  
E o que pode esperar o homem: nada.  
E viver de nada pro nada em nada.  
Só assim, munido das qualidades que não tem,  
pode o homem empilhar uma a uma as pedras de um castelo.

### **SINHÁ MARGARETH**

Trazes contigo uma pequena luz  
e uma grande verdade.  
Com ambas iluminarás os imensos corredores  
de mentira do teu castelo.

### **REI**

Já não existe meu reino,  
pois o rei que habitava aquele trono morreu.

### **SINHÁ MARGARETH**

Todos te esperam vivo  
e retornarás morto.

### **REI**

Quão belo é o mundo das metáforas:  
luz das coisas concretas.

### **SINHÁ MARGARETH**

Vejo que ora vês.

**REI**

E, como ora vejo, que o mundo veja com meus olhos.  
Venha, Rainha, vamos difundir o que vejo.

**CORO**

Olhos que veem  
olhos que não:  
quais experimentam o maior clarão?

Ouvidos que escutam  
ouvidos que não:  
quais obedecem a voz da razão?

Mentes que sabem  
mentes que não:  
Quais não sucumbem à paixão?

Homens que pensam  
homens que não:  
quem vive em melhor condição?

Viver é não ter um norte  
Viver é viver o momento  
Viver é um pedaço da morte

## 4º ATO

### CENA 19. SONHO DE MACTHELO

*É como se as paredes do castelo tivessem mudado de cor: do que se abstrai do verde musgo, em cor e som. No centro de uma cascata de terror, pende Macthelo, que tem olhos vermelhos e pelas ventas respira o mundo. Como quem se acalma após um ataque de asma, Macthelo fecha os olhos e tudo se preenche de paz (ou o último suspiro de um moribundo, ou a calmaria que precede a tormenta).*

#### **MACTHELO (ainda de olhos fechados)**

“Venham espíritos sinistros, protetores dos desígnios assassinos. Castrem-me, encham-me da cabeça aos pés da mais terrível crueldade. Tornem espesso o meu sangue para impedir o acesso a passagem do remorso, de modo que nenhum sentimento de piedade abale a minha determinação homicida e possa fazer a paz entre ela e o ato final. Venham, ministros do mal, seja onde for que, em substâncias invisíveis, instigam tudo que é contra os sentimentos da bondade natural. Vem noite tenebrosa, envolta no mais espesso fumo do inferno para que o meu punhal não possa ver o golpe que vai desferir, nem o céu possa enxergar através do manto da escuridão para gritar: Para!”

*E, como ouvíssemos sons de útero que se contrai para dar a luz a um demônio, a terra começa a se revolver em movimentos circulares (o diabo no rua no meio do redemoinho). Do centro das pequenas elevações que se formam, surgem três seres sem luz, rindo dissabores. Macthelo não se move, de olhos fechados experimenta um pouco de morte. Os seres começam a realizar pequenas coreografias, sob sensualidade e risco, e sua voz é como um carro que vem fazendo curvas ao longe. São três bruxas, mas é como se fosse dezesseis.*

**BRUXA**

Taca!

**OUTRA BRUXA**

Faca!

**A OUTRA**

Mata!

**BRUXAS**

Carcará!

*Repetem isto como um mantra.*

**MACTHELO**

Macthelo!

*Tudo se converte em silêncio. Macthelo abre os olhos.*

**MACTHELO**

Quem são vocês?

**BRUXA (ÀS OUTRAS DUAS)**

Quem são vocês?

**OUTRA BRUXA**

Eu sou quem vocês não são.

**A OUTRA**

E quem vocês não são além de mim?

**AS OUTRAS**

Ela!

**A OUTRA**

Ou seja: somos todas e somos nenhuma!

**BRUXAS**

Somos todas e somos nenhuma!

**A OUTRA (A MACTHELO)**

E tu?

**MACTHELO**

Sou o que serei.

**BRUXA**

És?

**OUTRA BRUXA**

Serás?

**MACTHELO**

Serei.

**A OUTRA**

Serás.

**BRUXAS (CANTANDO)**

Taca a faca e mata!

Carcará!

**MACTHELO**

Para que eu seja, extrapolo tudo.

**A OUTRA**

Para que sejas, terás que extrapolar a vida.

**OUTRA BRUXA**

Ou para que sejas, terás que extrapolar a morte.

**BRUXAS**

Para que sejas, terás que extrapolar a morte!

**MACTHELO**

Não tenho medo da morte.

**BRUXA**

Verás a morte de cara.

**OUTRA BRUXA**

Serás a cara da morte.

**MACTHELO**

Não tenho medo da morte!

**A OUTRA**

Mas a morte tem ainda menos medo de ti!

**BRUXA**

A morte sorri pra ti!

**OUTRA BRUXA**

Matarias a morte?

*Macthelo não responde.*

**BRUXA**

Matarias a morte?

**A OUTRA**

Matarias a morte?

*Enquanto elas repetem isto em crescente volúpia, Macthelo vai se entrevando, como se adormecesse por obrigação.*

### **CORO**

Taca a faca, mata  
degola, esfolo, espreme,  
sangra, singra, geme,  
Carcará!

Poder é sabor na jugular,  
é gosto de aço em efusão,  
navalha amolada na paixão,  
comida apodrece pro jantar.

Poder é perder-se, se danar,  
sentimento feito de explosão,  
mulher cata pedra no feijão,  
e com ela afia a faca pra matar..

Taca a faca, mata,  
degola, esfolo, espreme,  
sangra, singra, geme,  
Carcará!

A morte por sorte vai chegar,  
sentada num veloz alazão,  
e sob a nudez da abstração,  
a vida por fim abrilhantar.

Poder é o olho esbugalhar,  
a unha crescida sobre a mão,  
é sol que enlouquece o meu sertão,  
é lobo que visa a jugular.

Taca a faca, mata  
degola, esfolo, espreme  
sangra, singra, geme  
Carcará!

*Cantam em euforia e êxtase: de festejo de bacante em transe a pom-  
ba gira em orgasmos múltiplos. Até que Macthelo adormeça com-  
pletamente. Assim que adormece, as bruxas banham-no, como se  
tirassem dele uma casca secular, ao que Macthelo emagrece. O coro  
se interrompe bruscamente. Outro, Macthelo acorda novamente,  
como se ressuscitasse. Neste momento todos os outros atores trajam  
máscaras do Rei. Silêncio. Assim que Macthelo passa por eles, os  
atores caem como peças de xadrez. Quando chega ao trono, o ator  
que está sentado ajoelha-se aos pés de Macthelo.*

**MACTHELO**

Não sou o rei de judeus.

**ATOR**

Pra mim, és.

*O ator beija os pés de Macbeth.*

**MACTHELO**

O Rei ordena: polichinelo!

**UM DOS ATORES**

Polichinelo na Cochinchina!

**OUTRO**

Destrambelho!

**OUTRO**

Estricnina!

**OUTRO**

À doença, vacina!

**TODOS**

Revolução no castelo!

*Atiram coisas no rei.*

**MACTHELO**

O Rei ordena: fingir de morto!

**UM DOS ATORES**

Fingir de morto, uma ova!

**OUTRO**

Fingirás em funda cova.

**OUTRO**

Que rei que é rei só se prova

**TODOS**

tendo-o o mais absorto.

*Atiram mais coisas no rei. Estira-se a corda do violino.*

**MACTHELO**

O Rei ordena: saiam de mim!

**UM DOS ATORES**

Todos somos tu!

**OUTRO**

Tal boneco de vodu.

## **OUTRO**

Tal roupa do palhaço nu.

## **TODOS**

Aproxima-se o teu fim!

*A corda do violino arrebenta. Partem para cima de Macthelo como urubus que não comem há meses. Arrancam-no do trono com facilidade e o colocam chão. Então, parece que um abracadabra os fez sumir e vemos novamente só Macthelo, de olhos fechados, como no começo da cena. Abre os olhos.*

## **MACTHELO**

“Se não for agora, não será depois. Se não for depois, terá que ser agora. Se não for agora, será em um momento qualquer. Estar pronto é tudo.”

## CENA 20. A DECISÃO DE OPHÉLIA

*Surge Ophélia.*

### **OPHÉLIA**

E se todos temos bons sonhos  
também os temos ruins.  
Que os episódios enfadonhos  
são dos fantásticos afins.  
Pois se a vida tem vida sentido  
não é sentido uniforme,  
quem acorda um adormecido  
à noite também dorme.  
E se tudo é assim composto  
um lado bom e um mal,  
porque temos por gosto  
o que nos é mais letal?  
Porque, não obstante  
em livre arbítrio vivermos,  
preferimos, ao deslumbrante,  
a rouquidão dos enfermos?  
A chaga dos alvejados?  
O choro dos oprimidos?  
Não estamos preparados  
para de amor sermos ungidos?  
Por isso, eu, Ophélia,  
inverto o meu destino, e assim,  
minha vida não mais se espelha  
no que traçaram pra mim.  
Amo dois homens, e pronto.  
Diferentes entre si.  
E, embora preveja um confronto  
eis o que decidi:  
Vou me casar com os dois!

Serei uma pobre inocente  
que um minuto depois  
se descobre demente?  
Procurarei os rapazes  
onde agora estarão?  
Serão eles capazes  
de retribuir minha dupla paixão?

*Sai.*

## CENA 21. A MORTE DE MACTHELO

*Mais habituado ao que espera virar carnificina, Will se distrai em pensamentos.*

**WILL**

Meu mui agradabilíssimo rei  
estar como um pet a teu lado,  
nada melhor eu podia querer.

**FALSO REI**

Ó meu bobo, de tudo que sei  
e do que ainda não fui informado,  
apenas algo me falta saber.

**WILL**

Pois, diga, ó majestade.  
Este bobo te é todo ouvido,  
profiras o que for necessário.

**FALSO REI**

Queria ouvir-te verdade,  
o que te eriças sentido  
em mim, este vil perdulário?

**WILL (Solta o boneco, que desfalece sobre o trono)**

Ah! meu nobre tirano  
não sei se devo ou não devo  
falar em teu nobre respeito.

Porém, como assim é teu plano,  
eu, que sou bobo, me atrevo  
a definir-te em conceito.

Acho-te um tanto folgado  
e um tanto mais nauseabundo  
e ainda, fiel avarento.

Estás um tanto pesado,  
tens hálito de moribundo  
e cheiras a fel e unguento.

Tua voz meus ouvidos irrita,  
tua sombra, suor, teu cabelo  
e rechaço meu triste destino.

No mais, repito-te a escrita  
e não me canso de dizê-lo:  
amo-te, de amor genuíno.

*Entra Rainha com Nome de Flor, como que, num pulo, surpreendendo Will no ar.*

### **RAINHA COM NOME DE FLOR**

Onde está o Rei, Bobo?

### **WILL (ainda em efeito de suspensão)**

Bobo? Rei? Rei Bobo? Estás chamando o Rei de Bobo? Então estás me chamando de Rei! Ora, até que enfim reconheceste nobreza em minha pobreza.

### **RAINHA COM NOME DE FLOR**

Nem um, nem outro e não me entorpeça os sentidos com duplos sentidos! Onde está Vossa Majestade que só lhe avisto o manto?

### **WILL**

Deve estar andando por aí nu! O rei está nu! Guardas! Prendam o Rei, mas cuidado com o lugar onde seguram-no!

**RAINHA COM NOME DE FLOR**

E mais esta: só e nu ele corre ainda mais perigo.

**WILL**

Olhe! Lá está ele!

*Rainha com Nome de Flor se vira para ver, e Will rapidamente assume a manipulação do Falso Rei.*

**RAINHA COM NOME DE FLOR**

E onde está este corpo que não vejo?

**FALSO REI**

No mesmo lugar onde deveria estar, onde mais?

**RAINHA COM NOME DE FLOR**

Mas como? Acabei de olhar-te, exatamente onde estás e só havia um manto jogado como um lençol sobre a cama.

**FALSO REI**

Pois quando se olha com olhos vadios, muitas coisas se tornam vazias.

**RAINHA COM NOME DE FLOR**

Nem vadios nem vazios. Aliás, estou cheia!

**FALSO REI**

Cheia de quê? De gases?

**RAINHA COM NOME DE FLOR**

Não. De frases.

**FALSO REI**

Espero que elas tenham corpo e substância, para que não pense eu que gases teriam sido melhores.

**RAINHA COM NOME DE FLOR**

Toda substância e mais ainda corpo: venho alertar-te de um terrível plano que se lança contra ti.

**WILL**

Ai! Majestosa majestade, que hoje não devias ter te levantado da cama.

**RAINHA COM NOME DE FLOR**

Outras desgraças acometeram ao Rei, Bobo?

**WILL**

Não reparaste que o Rei está um pouco absorto?

**RAINHA COM NOME DE FLOR**

Pois ficará ainda mais absorto se não me der a devida atenção.

**FALSO REI**

Diga, mas diga rápido. Depois traga a refeição para eu aliviar o estresse de um dia tão estressante.

**RAINHA COM NOME DE FLOR**

Há um plano em andamento para depor-te do trono.

**FALSO REI**

Pois acredites em mim, hoje nem a morte poderia me depor do trono.

**RAINHA COM NOME DE FLOR**

Não tens ideia do que falas, Rei. Há, entre nós, um terrível traidor, alguém que se ergue sob o posto de tua mais inteira confiança

para cravar-te um punhal, com as insígnias da família real nas costas.

### **REI**

E quem é este vilão, que quer matar quem não se mata?

### **RAINHA COM NOME DE FLOR**

Este vilão é o...

*De dentro ouve-se um grito lancinante cortando o ar. Will e Rainha com Nome de Flor sentem na boca o que lhes custa cada batida do coração. Entra Ama que Ama.*

### **AMA QUE AMA**

Tragédia! Tragédia! De que somos todos oriundos!  
Melhor fôssemos pândegos, sôfregos, infecundos,  
a ter, sob susto e pranto, de viver este alvoroço .

### **RAINHA COM NOME DE FLOR**

Ai! Quanto mais gritas, tanto menos te ouço,  
que som que se posta sobre som, o som atrapalha!

### **WILL**

Alguém, por favor, dê fins ao gorjear dessa gralha!

### **FALSO REI**

Ó nobre Bobo, não te amealhes em intransigência.  
(A Ama que Ama) Dê palavras a estes teus sons, como quem ao caos dá fluência.

### **AMA QUE AMA**

Desculpe o ar esbaforido, é que tanto pratiquei, digo,  
tanto corri como quem, acuada, foge de real perigo,  
que é como se não tivesse mais ar em meu pulmão

para narrar a cena que vi, da mais clássica traição.

### **WILL**

Pois se há algum dia santo a que hoje damos louvor  
deve ser o de São Judas, que, dizem, foi fiel traidor.

### **RAINHA COM NOME DE FLOR**

Chega de lengalenga, já não me aguento em mim!  
Revela o xis do problema, à minha angústia dá fim!

### **AMA QUE AMA**

Estava passando por um dos imensos corredores reais,  
com uma sacola na mão e na outra com objetos pessoais,  
quando ouvi um potente baque, um alarido infernal  
depois, som de algo caindo, e depois um som gutural.  
Primeiro, quedei-me estatelada, como fosse de pedra,  
mas quando o perigo é iminente, a coragem se medra.  
Entrei num instante no lugar de onde tal grito escapava,  
e vi, caído, sob poça de sangue que já se formava,  
um homem. Deve ser um alcoólatra, concluí,  
ou então um ancião, desses, que perambulam por aí  
dessarroando homens ferozes de pavio curto.  
E por isto foi morto. Mas, foi quando um surto  
de medo e revolta subitamente de mim tomou conta,  
ao revelarem-se as feições familiares do morto e pronta  
pra gritar fui contida pelo homem em último alento  
que me disse: ‘escuta, já quase pertenço ao vento  
e a mais coisas etéreas, portanto, faça o que te peço,  
entrega este mimo a quem amores confesso.’  
E deu-me este anel, para entregar-te, Rainha,  
‘que eu seja pra sempre dela e que ela seja minha’.  
Depois deu um último e lastimoso suspiro,  
a que só de lembrar quase o estômago reviro.

*Leve pausa, como um tempo congelado.*

**RAINHA COM NOME DE FLOR (À parte, com o anel na mão)**

Alguém deve ter descoberto seu plano assassino e cumprido o assassinato dele próprio antes! Ai, que dos próximos alvos devo ser eu provável escolha. E talvez entregá-lo para este rei seja entregar-me pra meu algoz! Ai! Que pelo menos uma vez posso dizer que fui salva pelo gongo.

**FALSO REI**

O que cochichas aí, Rainha, como solilóquio shakespeariano?

**RAINHA COM NOME DE FLOR**

Nada que te diga respeito, ó indulgente tirano, exemplo de homem frio, imerso em rancor que perverteu meus sentidos com falso amor. Com licença, me retiro, cuidarei de coisa vital.

*Sai.*

**FALSO REI (A Ama que Ama)**

E tu, o que fazes aí? Vá tratar dos proclamas do funeral!

**AMA QUE AMA**

Pois proclamar, majestade, é o que de melhor faço, (*À Parte*) embora eu não saiba se esta mentira vale este estardalhaço.

Ou se agindo assim como quem ama e não como quem pensa não seja eu a verdadeira vítima deste homem. (*Ao Falso Rei*) Com licença.

*Sai*

**WILL**

Ai! Que esta fábula está ganhando contornos trágicos: esta mesma conspiração que matou o general deve estar por trás do sumiço do rei verdadeiro. E por certo a próxima vítima deve ser um Bobo que se finge rei e a todos faz de bobos. Meu tão magnânimo rei, agora mais magnânimo que nunca, é hora de, como dizem os que são chulé, darmos no pé!

## CENA 22. BRINDE

*Antes que saia o Bobo, entra Hamlet, trazendo uma jarra e dois copos.*

### **HAMLET**

Ó meu pai – como insistes em chamar-me filho, chamo-te pai, reconhecendo-me, enfim, teu filho.

### **FALSO REI**

Ó meu filho, ouço outro chamado de voz mais intensa e potente.

### **HAMLET**

E que voz pode ser mais alta do que a de um filho que quer brindar com um rei a honra de admitir-lhe pai?

### **FALSO REI**

A voz de um intestino grosso que quer brindar com os músculos peristálticos a honra de esvaziá-lo.

### **HAMLET**

Não admito que necessidades fisiológicas se sobreponham a necessidades familiares.

### **WILL**

Diga o que queres tu, então!

### **FALSO REI**

*(A Will)* Não te enerves, meu caro Bobo, que não se trata assim a um filho. *(A Hamlet, tão em nervos como Will)* Diga o que queres tu, então!

### **HAMLET**

Eu queria brindar contigo teu reino presente, meu reino futuro, e

o reino de meu pai, passado.

**FALSO REI**

Então vamos rápido, antes que presente, passado e futuro encham minhas calças.

*Brindam, mas somente o Falso Rei bebe. Tempo.*

**HAMLET (à parte)**

Já devia ter tido efeito, como dizia o rótulo: morte instantânea e dolorosa.

**FALSO REI**

Já posso ir agora?

**HAMLET**

Ainda não, vamos tomar mais um trago: à sua saúde, à minha saúde, à saúde meu pai.

**WILL**

À tua saúde, vá lá, que embora pareças doente estás vivo. À saúde do Rei, importante lembrança, porque cada vez mais falta. Mas à saúde de teu pai, só pode ser piada: teu pai está morto!

**FALSO REI**

Um mero detalhe, Bobo, um mero detalhe. *(A Hamlet)* Dá-me este copo.

*Bebe.*

**FALSO REI**

Então?

**HAMLET**

Não entendo.

**FALSO REI**

Não entendes?

**HAMLET**

Não entendo.

**WILL**

Pois eu entendo.

*Enche mais um copo e derrama o líquido na boca do Falso rei.*

**WILL**

Satisfeito agora? Espero que sim, com licença, vamos embora!

## CENA 23. O PRIMEIRO FANTASMA

*Surge Macthelo, com aparência assustadora. Falso Rei o avista, mas Hamlet ainda não.*

### **FALSO REI**

Ah! Que já não careço de banheiro ou algo parecido, pois o que tinha que fazer entre quatro paredes, já fiz.

### **HAMLET**

Que dizes? Porque este ar tão grave? Tuas feições senis parecem como as de um boneco assustado, aturdido.

### **FALSO REI**

Pois que vejo um fantasma, ali estatelado como quem me dissesse algo ainda mais grave que minha feição.

### **MACTHELO**

Tens razão, nada de mais grave há neste reino, senão a gravidade do que te cobro e do que do que te cobro advém.

### **HAMLET**

Que pilhéria é esta? Que fantasma? Que cobrança?

### **FALSO REI**

Este homem hoje foi morto, há provas deste homicídio.

*Macthelo vai avançando sobre o Falso Rei que se esconde atrás de Hamlet, quanto mais se aproxima é como se dançassem um tango.*

### **MACTHELO**

Pois fui morto e voltei do inferno. E nesta volta incide o quanto esperei eu por ver-te morto, leda esperança. De ti fui devoto, como de um santo, e a ti protegi

além ainda da proteção de minha própria pessoa.  
E pra quê? Pra nada! Fui tal aquele fábula da rã boa  
que atravessa o rio com um escorpião rei sobre si.  
Acreditei em ti: pensei um dia ver-me por ti laureado  
à altura de meus préstimos, reconhecimento natural  
de alguém que o merece: mas como o inseto mortal  
ferroou o pobre batráquio, por ti eu fui ferroadado  
ao negar minhas habilidades melhores que as tuas  
oferecendo a este imberbe a tua estimada coroa.  
E, em frêmitos lancinantes, como quem de si mesmo caçoa  
eu, num gesto de desespero, abri minha garganta em duas.  
Agora venho cobrar-te o que minha ruína entusiasma:  
além do sentido de vida, roubaste minha própria vida em si.  
Entrega-te a minha espada. Aqui ocorrerá, em frenesi,  
a exuberante coroação do primeiro rei fantasma!

*Num gesto único e letal, corta a cabeça do Falso Rei. Consternação  
geral. Bobo apanha a cabeça do boneco no chão.*

**WILL**

Ser ou não ser? Eis a questão.

*Feliz como o tamanho do mundo, mas fingindo dor proporcional,  
alardeia e dança:*

**WILL**

O rei é morto! Não ser! O rei é morto! Não ser! O rei é morto!

*Com os gritos de Will, entram, assustadas, Rainha e Ama que Ama.*

## CENA 24. DESAFIO

*Estamos no que compara o nordeste de João Cabral à idade média de Boccaccio. Acordes ácidos de poesia nordestina atravessam os olhares de Macthelo e Hamlet. Ambos puxam a espada.*

### **HAMLET**

Estás fazendo piada  
ou isto é conspiração.  
Tua morte é palhaçada,  
é traição, é emboscada,  
serás rei? Patacoada!  
Vais é ter dura lição.

### **MACTHELO**

Dura lição terás tu  
minha coragem não se esvai.  
Arrancarei coro cru  
de teu corpo branquinho e nu,  
e posto à mesa tal peru  
feito o galináceo teu pai

### **CORO**

Carcará sim,  
Carcará  
Carcará vem  
Carcará

### **HAMLET**

Pois te prepara traiçoeiro  
carcará sanguinolento.  
Ambicioso, carniceiro  
general de galinheiro,  
vai ciscar no terreiro

do teu peito virulento.

### **MACTHELO**

Ai, que tanto elogio  
até me avexa, sim senhor.  
Pois de ti eu desconfio,  
que em vez de tanto brio  
tens é alma de vadio  
embaixo do cobertor.

### **CORO**

Carcará sim,  
Carcará  
Carcará vem  
Carcará

### **HAMLET**

O fio de minha espada  
provará virilidade.  
Tua glote decepada,  
arrogância então findada,  
serás rei de grande nada,  
a coroa da maldade.

### **MACTHELO**

A maldade é minha guia,  
ambição, porto seguro.  
A coragem é que me fia.  
Serei rei da valentia,  
em meu reino se anuncia  
nova lei, de homem duro.

### **CORO**

Carcará sim,

Carcará  
Carcará vem  
Carcará

*Surge Ophélia, de longe.*

### **OPHÉLIA**

Achei. Qual deles amo mais? Quiçá  
descubra em breve. Parecem que brigam.  
Será por mim? Vou agora até lá  
e que, em harmonia, viver consigam.

### **HAMLET**

É chegada tua hora,  
fosse tu pedia perdão,  
vem sem dó, vamos embora,  
cai pra dentro, não demora,  
que coragem se apavora  
frente a força da razão.

### **MACTHELO**

A razão pende, menino,  
para o lado mais viril.  
Tens força de franzino,  
o que falas, desatino,  
apesar de feminino  
dar-te-ei morte varonil.

## CENA 25. A MORTE DE OPHÉLIA

*Macthelo desfere o golpe mortal, mas a habilidade de Hamlet, moldada nas melhores escolas de esgrima, faz com ele se desvie do fio da espada, que vai dar, absolutamente certa, no colo de Ophélia, que se aproximara demais. Em todos, o susto.*

### **OPHÉLIA (repetindo, inconformada)**

Ah! Não.

*Como tendo um precioso bebê nas mãos, as mulheres vêm banhar o corpo de Ophélia. De sua ferida, poço aberto no peito, jorra água advinda de seu sonho. Macthelo, como quem quer acordar de um sonho, está a seus pés, desculpando-se em silêncio. Ophélia levanta-lhe a cabeça, num gesto simples. Ele, com dificuldades em abrir os olhos – pois eles revelariam o poço de lágrima e lama que eles se tornaram – a olha. Ela retira de si o que lhe é mais precioso e o entrega.*

### **OPHÉLIA**

Deste-me minha morte. Dou-te minha vida.

*Música*

### **MACTHELO**

Ó!

Feres-te em minha flor  
com espinho que me descuidei  
e da flor não arranquei  
e te feri

### **CORO**

Ó!

Feres-te em minha flor

com espinho que me descuidei  
e da flor não arranquei  
e te feri

**MACTHELO**

Ó!  
Como pesa o pranto meu  
dor que nunca carreguei.  
Conviver com isto não sei,  
pois te feri.

**CORO**

Ó!  
Feres-te em minha flor  
com espinho que me descuidei  
e da flor não arranquei  
e te feri

**MACTHELO**

Ah!  
Fosse esse sangue o meu  
era doce a minha dor.  
Ao saber que era amor  
eu o feri

**CORO E MACTHELO**

Ó!  
Feres-te em minha flor  
com espinho que me descuidei  
e da flor não arranquei  
e te feri

*Ele eufórico, mas se cala como quem morre. Todos os personagens circulam Ophélia, que, como por iluminação, percebe que é Will*

*quem escreve a história. Querendo tomar sua pena, ela diz:*

**OPHÉLIA**

Reescreve-me! Reescreve-me!

*Todos os personagens, movidos por Ophélia, fixam-se em Will.*

**WILL**

Pobre criança. Já definha.  
Pudesse ser tua morte a minha  
ou doutro, pois merecer  
não falta quem mereça.  
Ai, que antes que também eu feneça  
dorme menina. Dormir. Morrer.

*Fecha os olhos de Ophélia.*

**WILL**

Dormir. Morrer. Só isso.

**CORO**

Ó!  
Feres-te em minha flor  
com espinho que me descuidei  
e da flor não arranquei  
e te feri

*Com o corpo de Ophélia nos braços, todos os atores realizam uma procissão, celebrando-a no oposto do que ela era, em tons de cinza e de dor. Chegam onde depositarão seu corpo e cada um o cobre com lamentos.*

**AMA QUE AMA**

Foste minha Juju

e novamente não és mais.

**HAMLET**

Tua morte será o signo de minha morte.

**RAINHA COM NOME DE FLOR**

Pobre criança, não pude ouvir o teu perdão, embora fosse necessidade minha e não tua.

**MACTHELO**

Serei a cara da morte.

*A atriz permanece como na primeira cena, imóvel, com seu quase personagem.*

## CENA 26. SEGUNDO SOLILÓQUIO DE WILL

### **WILL**

Agora que minha obra me escapava às mãos e pendia irascível pro seu próprio destino – onde eu havia descrito a morte de um ocorreu a morte de outra, e outras mortes se anunciavam, como flechas a serem lançadas no vácuo – habitavam minha pena perguntas múltiplas: e se eu rasgasse o papel e começasse tudo de novo? E se eu interviesse como quem diz: acorda! E se eu me escondesse e virasse apenas personagem e ocultasse minha pena como quem diz: ninguém nos escreve, escrevemos a nós próprios! Mas, e sempre existe um mas, e se alguém encontrasse essa pena oculta e passasse a desenhar-nos a seu bel prazer? Estaria eu disposto a servi-lo, ou eu também encontraria os meandros de meu próprio destino? Mas me calo, pois novos velhos destinos aproximam-se, como cavalos de quem são extirpadas as celas. Minhas palavras tornam-se ações e minhas ações, palavras feitas. Com licença.

## 5º ATO

### CENA 27. O SEGUNDO FANTASMA

*Como santos de procissão, vêm aproximando-se Rei e Sinhá Margareth. Todos se congelam.*

#### **MACTHELO**

Por todos os séculos, do primeiro ao último juntos,  
eu mesmo cortei sua carne, num ponto onde não se resiste.

#### **RAINHA COM NOME DE FLOR**

Ai! Que hoje é dia em que se convocaram os defuntos  
pra tornarem-se à vida.

#### **HAMLET**

Minha pupila, temerosa, insiste  
em convencer-me que tal visão é fantástica, mas me recuso  
a entender. Como uma visão turva num rio também turvo,  
assim vejo.

#### **AMA QUE AMA**

Eu estou louca?

#### **RAINHA COM NOME DE FLOR**

Eu estou louca.

#### **MACTHELO**

Eu confuso.

Meu próprio plano voltando-se a mim, agora em que curvo  
todas minhas expectativas, tal árvore que não resiste ao vento.

### **RAINHA COM NOME DE FLOR**

Todos vimos a morte do Rei e o abandonamos à sorte para vir velar o corpo de donzela em real sofrimento.

### **AMA QUE AMA**

Ela repousa solene, bela e triste. Ele volta da morte.

### **MACTHELO**

E trás consigo, se os olhos não tenho em entorpecimento, Sinhá Margareth, que há muito quedou enlouquecida e sumiu, e em pouco tempo sobrou pra ela o esquecimento.

### **RAINHA COM NOME DE FLOR**

E veja minha situação, num momento viúva, noutro, traída!

### **REI**

Que estranho! Olham-me como vissem um estranho vulto, ou uma aparição vinda de um lugar estranho. Ou da morte.

### **SINHÁ MARGARETH**

Já não és o mesmo que eras, estás mais altivo, mais culto, por certo veem com novos olhos, além de teu novo consorte.

### **REI**

Confesso que esperava outra manifestação, mais efusiva, como de um pai que tivesse regressado de guerra, ou de um mãe que se esperava morta e estava viva, e não este baque, como estivessem plantados na terra.

### **SINHÁ MARGARETH**

Assim se recebem os reis, como manifestação divina a que se dobram os sinos e os homens, devotados.

## **RAINHA COM NOME DE FLOR**

Resta saber se esta aparição tem origem celestina ou veio do inferno, cobrar o ônus de nossos pecados.

## **AMA QUE AMA**

Com esta roupa? Moda grosseira e aparência desgredada dos cabelos que à distância sabe-se que o cheiro não é bom. Isto é obra do demônio, o odor de lixo, a roupa rasgada. Os anjos têm um gosto mais básico, chique, ton sur ton.

## **REI**

Ainda nenhuma reação a não ser algumas palavras secretas que trocam entre si, como adolescentes trocando carícias.

## **SINHÁ MARGARETH**

As verdades são conceitos tortos, as mentiras, torturas concretas, por isto não dê ouvidos às sensações que se viram malícias.

*Silêncio. O Rei está diante de um jardim de súditos de pedra.*

## **REI**

Meus súditos...

*Todos dão gritos altíssimos, em euforia esplêndida. O Rei também grita, por instantes.*

## **SINHÁ MARGARETH**

Ordem! Ordem! Ordem! (Ao Rei, em segredo) Pensam-te criatura nefasta ou fantástica, como duendes e fadas duma noite de verão. Aproveita esta condição: a consciência deles todos devasta em busca do que escondem, e segredos a ti revelarão. Primeiro acalma-te.

**REI**

(A Sinhá Margareth) Calmo Estou. (Aos outros)  
Tende-me de novo e novo,  
forjado agora em lucidez e enfim pleno em capacidade.  
Mas já não pertenço ao mundo de vós e daqui absorvo  
o que há no íntimo de vosso peito e sei: clamai piedade.  
Dar-vos-ei à medida de vossa culpa, e declaro, portanto,  
que vós todos deveis dar-me verdades sobre o quê trazem  
guardado no peito contra mim, e só então, como encanto  
dar-vos-ei devida pena, mesmo que dela resulte pranto.

*Som contínuo.*

**REI**

Começai!

*Sons atribulados, que se articulam num rap simples.*

**HAMLET**

Eu confesso que te trago na garganta atravessado,  
pela morte de meu pai, minha mãe ter desposado,  
nosso reino ter tomado, traição e vilania,  
eu queria ver-te morto, e em grande hipocrisia  
deflagrei-nos harmonia, em que tu acreditaste,  
mas tramava tua morte, e no peso do contraste  
de quem finge ser fiel, mas que veste o rancor  
da vingança mais letal, projetei-te em grande dor,  
mas depois, na hora agá, não fui eu o teu algoz  
ó tormenta, ó horror, minha angústia é mais atroz.

**CORO**

ó tormenta, ó horror, minha angústia é mais atroz

**HAMLET**

ó tormenta, ó horror, minha angústia é mais atroz

**CORO**

ó tormenta, ó horror, minha angústia é mais atroz

**REI**

Ó meu filho, também trago na garganta tal ferida, mas a gente não escolhe ser rei, o trono nos escolhe. Traí teu pai, meu irmão, que traiu nosso primo, que traiu o próprio pai, que traiu outro, que traiu outro, que traiu, e assim a roda roda e rodará. “Se tu soubesses como é arriscado abandonar ou mesmo manter o poder conquistado, cuja simples obtenção já significa uma queda irremediável... A vertigem escorregadia de estar lá em cima traz tanto sofrimento quanto a própria queda.” Mas te perdoo, porque entendo-te e porque és Hamlet, homem feito de, e para a dor.

**HAMLET**

Não careço de teu perdão.

**REI**

Mas eu careço dar-te.

**SINHÁ MARGARETH**

Chega! Tua sentença está dada: um rei não se revê. O próximo!

*Altas horas de um baile, onde só quem resiste é quem desistiu. Rainha com Nome de Flor canta*

**RAINHA COM NOME DE FLOR**

Sempre fui misto de desejo e medo.  
Ora me deleitava no que temia  
e, se desejava, me punia.  
Depois, na boca, um gosto azedo

de quem não deu ouvidos à voz  
mais sincera e íntima (e por isso sincera)  
que dentro de nós persevera  
convertendo-nos em criatura atroz  
igual a um molusco, ou fera no cio,  
ou a um pequeno inseto invertebrado.  
Então, eu me entregava ao pecado  
sacanagem, galhofaria, desvario.  
Amei loucamente um tabelião  
e mais outro, e outro até, que era manco.  
Deitei-me com um triste saltimbanco  
e um padeiro, três mineiros, no chão,  
atrás das árvores do jardim,  
no rio que corta o quintal,  
fui com um avantajado policial  
e com um diminuto espadachim.  
Apaixonei-me, certa vez, pelo rapaz  
que vinha aqui cortar as unhas de teu pé.  
Foram três padres, dois bispos e até  
uma freira, três mudos, um capataz.  
E mais tantos que já até perdi a conta.  
Mas meu último amante, poderoso  
foi um homem um tanto ambicioso,  
que comigo, planejou pra ti vil afronta:  
destituir-te de teu cargo de rei  
pondo fim a tua vida impotente.  
Fui cúmplice deste plano indecente,  
Escravizada pelo amor que não te dei.

## **CORO**

O amor é o leme  
que aponta caminho  
contra ele não blasfeme,  
sua força lhe espreme

de mansinho.

**RAINHA COM NOME DE FLOR**

Escrava do amor que não te dei

**CORO**

O amor é um muro  
que não se destrói.  
Seja longo, prematuro,  
platônico, inseguro,  
sempre dói.

O amor é o inverno da alma.

**REI**

Assim nos juntamos, não como quem quer, mas como ímãs que  
outras mãos puseram próximos.

**RAINHA COM NOME DE FLOR**

Mentes! Eu queria.

**REI**

E mesmo se não quisesses: assim estava escrito.

**RAINHA COM NOME DE FLOR**

Eu sou dada a rascunhos.

**REI**

Já não me alcançam tuas impertinências.

**RAINHA COM NOME DE FLOR**

Então me mates e terás folha em branco.

**REI**

Queres uma condenação de fato?

**RAINHA COM NOME DE FLOR**

Já a tive.

**REI**

Pois terás uma nova: perdoo-te.

**RAINHA COM NOME DE FLOR**

Não. Não poderia conviver com teu perdão.

**SINHÁ MARGARETH**

Eis a função das condenações: macular.

**RAINHA COM NOME DE FLOR**

Condena-me, prenda-me, isola-me, mas não me perdoa!

**SINHÁ MARGARETH**

Será assim: ele te ama. Quem ama perdoa!

**REI**

Teu julgamento está feito, contente-te ou não com ele. Agora, quem mais?

**AMA QUE AMA**

Adorei o figurino: do lixo se faz luxo, do luxo se faz charme.  
Mas tenho uma dúvida: nesta confissão, posso ajoelhar-me?

**REI**

Não, fica de pé pra que o tremor de teu corpo possa denunciar  
quaisquer falsidades.

### **AMA QUE AMA**

Queres que eu fique em pé, em pé obediente fico, que pra isso nascem as amas, pra obedecer e amar. 'Fica de pé': estou. 'Confesse tudo!' Pois bem, confessar eu vou, tudo. Quando nasci, e eu era um neném nanico, já nasci do pecado de minha mãe e meu falecido pai, que, dizem as más línguas, tinha um pecado enorme.

### **SINHÁ MARGARETH**

Pula tais besteiras que não interessam e age conforme o rei ordenou: confessas pensamento contra ele.

### **AMA QUE AMA**

Ai!

Que agora entendo. Perdão a ignorância, que as amas, afeitas aos trabalhos do braço, são um pouco lentas quando se trata de raciocínio, mas também atentas às novidades, aos diz-que-me-dizes. Agora, as vis tramas em que fui envolvida, pelas delícias da carne seduzida, eu, pobre ama dedicada, passo a narrar, com detalhes mais sórdidos, mesmo que possam soar achincalhes (ao Rei) ao vosso ouvido, poderoso, (À Sinhá Margareth) ou ao vosso, destemida.

### **HAMLET (confidencia à sua mãe)**

Como é eloquente e cadenciada. É difícil sabermos onde aquela imagem destrambelhada e absorta passa.

### **RAINHA COM NOME DE FLOR**

Aprende como são as mulheres meu filho: a graça está não em que a mulher mostra, mas em que esconde.

### **AMA QUE AMA**

Pois bem: como todos sabem, educada fui para servir,

assim como minha mãe, e a sua mãe, e também a sua. Fui aplicada às mais rígidas regras da educação: “instrua seu coração como quem adestra um cão”, era nosso dever. Na escola, enquanto minhas amigas escreviam juras, eu copiava receitas de bolo. Enquanto ensaiavam gestos - destes de sedução, pra se conquistar homens honestos sem ser vulgar, tipo um leve sorriso com sobrancelhas seguras - eu ensaiava gestos de ‘como se postar frente uma mesa posta’, ou como, ante um patrão, um sorriso verdadeiro pode soar falsário.

E então, antes mesmo que tivesse aprendido o abecedário já sabia como um bolo embolora, ou como a torrada se tosta. Aí, um dia, já condecorada como uma ama competente fui apresentada àquela que seria a razão meus dias: Minha Juju, que por si só já me alimentava todas as fantasias. Mas como se vê, de algo em toda minha vida fui carente: Dos braços de homens, dos beijos de homem, do grunhir que nos acompanha quando amamos. Mas quê! Encalhei. E quando este homem grande propôs-me o plano, aceitei, e sem querer fui cúmplice do ato para do trono te destituir.

## **REI**

Que plano é este? Quem traçou as estratégias? Quem deu cabo nelas?

## **MACTHELO**

Eu, majestade.

## **REI**

General!

## **AMA QUE AMA**

Ele mesmo, em carne e osso, aliás, carnes boas: mas ainda não me disseste se tu me perdoas.

**REI**

Tu já estás perdoada porque não tens pecados, e és o mais claro exemplo de que pecados de menos também cobram seus juros.

**SINHÁ MARGARETH**

E pecados demais exigem medidas justas. Amola o fio de tua navalha que em breve ela deverá ser usada como guilhotina: uma insurreição toma curso.

**REI**

Já o sei e agirei na mesma medida da traição. Aproxima-te, homem, se ainda podes assim ser chamado.

**MACTHELO**

Se tu chamas e eu me aproximo, posso.

**REI**

Que é fato: a obediência se converte em impertinência.

**MACTHELO**

Não existe obediência sem impertinência. Em planos distintos, uma é a outra. Só é obediente quem sufoca sua impertinência. E sufocadas, as coisas têm duas opções: ou encontram uma singela abertura, por onde escoam aos poucos, ou, à falta de pequenas aberturas, se habituem à jaula, assumem a forma de jaula, transformam-se em jaula. Tais duas imagens sou eu. O que nas duas há de mais tenso. Assim me formei: eis as artes com as quais ganhei tuas guerras. Talvez, por que, no íntimo eu soubesse, ou quisesse – no íntimo já não distingo saber de querer – que tais guerras eram minhas. Tu eras um fraco. Eu forte. As tuas conquistas são as minhas conquistas.

**REI**

O que mede um rei não é o que ele tem. É o que ele não tem.

**MACTHELO**

Então eras um grande rei: não tinhas força, não tinhas coragem, não tinhas honra.

**REI**

Força? Coragem? Honra? Quem precisa disto quando se tem consciência?

**MACTHELO**

Consciência de quê?

**REI**

Consciência de que já estamos todos mortos.

*Tempo. Segundos em suspensão.*

**MACTHELO**

Sim.

**REI**

Sim o quê, General?

**MACTHELO**

Eu mataria a morte!

**REI**

Matarias a morte?

**REI**

Já a matei uma vez. Mato uma segunda.

*Macthelo acerta o Rei com uma facada. 'Ó' geral. O Rei tira o figurino e se posta como no trem, semipersonagem.*

## CENA 28. CARNIFICINA

### **HAMLET (A MACTHELO)**

És a cara da morte.

*Hamlet acerta Macthelo com uma facada. Macthelo se posta como no início.*

### **AMA QUE AMA (A HAMLET)**

Negaste o meu amor, mataste meu amor, mato-te sem amor!

*Ama que Ama acerta Hamlet com uma facada.*

### **RAINHA COM NOME DE FLOR (A AMA QUE AMA)**

O amor era meu! O filho era meu! A morte será tua!

*Rainha acerta Ama que Ama com uma facada. Idem.*

### **SINHÁ MARGARETH**

Para que se legitime meu reino é preciso que se destrua o teu.

*Sinhá Margareth acerta Rainha com Nome de Flor com uma facada. Idem.*

### **SINHÁ MARGARETH (sobre o coro dos cadáveres)**

Eram porcos e pensavam-se reis! Agora o inferno ser-lhes-á chiqueiro, que chafurdem no fogo mais vil! Que assim se tratam os bastardos. Tal é a relação entre governantes e governados: um fornece a comida, o outro é a comida. De que lado tu estás? De que lado tu estás? Deixa que se alimentem de ti? Escravo. Porco! Ou alimenta-te dos outros? Só os verdadeiros reis prosperam. Só os verdadeiros reis sobrevivem!

**WILL (deixando seu posto de observação)**

Com licença, senhora.

**SINHÁ MARGARETH**

Ora, um Bobo? Pois de que serviria a soberba de uma rainha sem a ignomínia de um bobo fazendo-lhe contraponto? Aproxima-te meu caro, serás meu primeiro súdito.

**WILL**

O primeiro? Sim, até que enfim serei o primeiro, que já estava afeito aos últimos! Serão os últimos primeiros? Quero ser último. O último a sair apaga a luz? Quero ser primeiro.

**SINHÁ MARGARETH**

És tu o primeiro.

**WILL**

Então nossos fins são afins! Opa! Que isto merece um brinde!

*Will apanha a jarra de Hamlet com as duas taças.*

**SINHÁ MARGARETH**

Brindarei o que conquistei.

**WILL**

E eu, o que perdi.

**SINHÁ MARGARETH**

Brindarei a glória.

**WILL**

Glória à pequenez de um Bobo!

**SINHÁ MARGARETH**

Brindarei a minha eternidade!

**WILL**

Brindarei a tua eternidade!

*Brindam, mas na hora de tomar, só Sinhá Margareth bebe.*

**SINHÁ MARGARETH**

Porque não bebeste?

**WILL**

A eternidade será só tua.

*Rainha cai, envenenada. Junta-se ao coro de quase personagens.*

**WILL**

Serei o teu primeiro súdito. E último.

*Percebe-se só. Segundo apito. Impaciência de trem.*

## CENA 29. DESPEDIDA DE WILL

### **WILL**

O rei, não há mais, estocado por general que também não existe.  
Rainhas, mortas. Tanto a que louca é, quanto a que é desvairada.  
Do filho do rei, herdeiro ilegítimo, também não sobrou nada.  
E a falsa filha, coitada, a cara da alegria, por engano morreu triste.  
Até o falso rei, boneco feito entre a fantasia pura e o medo  
de um bobo acuado entre a morte certa e a vida errônea  
pendeu ante o terror final, aquele momento que prorroga a insô-  
nia  
dos homens e que transforma o leite puro em fel azedo.  
E eu, simples bobo que toma a pena emprestada a Deus, hei  
de perguntar-vos, meu caros amigos, que hora acompanham  
como a vontade e o destino do homem são feras que se estranham,  
se todos os outros foram mortos, quem entre nós é o rei?

*Música de rei. Will caminha até o trono, com delicada euforia. Toma a coroa nas mãos*

### **WILL**

Quem é o rei?

*Dá mais uns passos em direção ao trono.*

### **WILL**

Quem será o rei?

*Mais outros.*

### **WILL**

Quem nunca será rei?

*Coloca a coroa sobre o trono, atea-lhe fogo.*

**WILL**

Não haverá rei algum  
ou todo mundo será rei.

*Um pouco mais alto.*

**WILL**

Não haverá rei algum  
ou todo mundo será rei.

*Repete diversas vezes, com euforia galopante. O trem dá o primeiro apito.*

**WILL**

Não haverá rei algum ou todo mundo será rei. Seremos capazes de sermos livres? Teremos forças reais? Vontades reais? Desejos reais? Ou tudo é como no teatro, em que interpretamos um personagem que se pretende nós mesmos? Marionete do que não somos? Um ator canastrão que finge de si? Chegará o momento em que a máscara cobrará de nós sua própria verdade. E aí faremos o quê? Começaremos a viver sua vida, interpretando o que nos interpreta? Ou, como quem rompe o pacto com as sombras da caverna, arrancaremos a máscara e começaremos a ver a vida em si? Teremos coragens reais? Vontades reais? Seremos capazes de sermos livres? Reis de nós mesmos? Ou para sempre súditos? Eu apenas pergunto. Nada sei. Nunca serei rei. Nem de mim. Portanto, faço aquilo que sei e o que fui feito pra fazer: soprar. Soprar forte!

*Segundo apito. O trem começa movimentos de máquina.*

**CORO DE MORTOS**

Somos feitos de pedra secular

ou de espada enfiada em pedra.  
Que tudo que não pulsa se medra  
pelo tempo mais lento a passar.

Passa tempo,  
parece que não,  
mas tudo muda  
sua condição.

O que é já já  
deixa de ser.  
Qual a diferença  
entre nascer e morrer?

### **WILL**

E se minha imaginação a vossa confundiu  
perdoai-me e minha alegria percorrerá o globo.  
Meu nome é Will e se ouvirem por aí  
o nome Shakespeare, pensem que mais um Bobo,  
para dar plena vazão a todos os delírios seus,  
assoberbou-se, abrilhantou-se, tornou-se deus!  
Mas se o verdadeiro deus nos escreve no céu,  
aqui em baixo me dareis vida, enchendo meu chapéu.

*Terceiro apito. O trem começa a andar. Bobo recolhe donativos.*

### **CORO**

O que é já já  
deixa de ser,  
qual a diferença  
entre nascer e morrer?  
Qual a diferença entre nascer e morrer?  
Qual a diferença entre nascer e morrer!

## DRAMATURGIA DE JULLIANO MENDES

- 12ponto223b
- Amores e dores no país das flores
- Coração de Porco – Édipo em 4 estações
- Edwards e as Mortes
- Delfrios de Will ou como chupar os ossos de Shakespeare
- Histórias nas Paredes
- Nelson Rodrigues
- O Queijo – Uma comédia sórdida
- Uma novela masculina
- Um homem jogado no sofá ou uma mulher que saiu por aquela porta

Projeto viabilizado com recursos da Lei Aldir Blanc/MG, através da Secretaria Estadual de Cultura e Turismo de Minas Gerais.

Download gratuito de todas as obras: [www.jullianomendes.com](http://www.jullianomendes.com)  
(Julliano com 2 L's)